



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA**

RAYNARA KARENINA VERÍSSIMO CORREIA

**CARIDADE E SEUS FRUTOS:
UM ESTUDO DAS METÁFORAS EM SERMÕES
DE JONATHAN EDWARDS**

CAMPINA GRANDE - PB

2016

RAYNARA KARENINA VERÍSSIMO CORREIA

**CARIDADE E SEUS FRUTOS:
UM ESTUDO DAS METÁFORAS EM SERMÕES
DE JONATHAN EDWARDS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientador: Professor Me. Suênio Stevenson Tomaz da Silva.

CAMPINA GRANDE - PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C824c Correia, Raynara Karenina Veríssimo.
Caridade e seus frutos : um estudo das metáforas em sermões de Jonathan Edwards / Raynara Karenina Veríssimo Correia. – Campina Grande, 2016.
63 f..

Monografia (Graduação em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Prof. Me. Suênio Stevenson Tomaz da Silva". Referências.

1. Sermões. 2. Joannathan Edwards. 3. Metáforas. I. Silva, Suênio Stevenson Tomaz da. II. Título.

CDU 81'42(043)

RAYNARA KARENINA VERÍSSIMO CORREIA

***CARIDADE E SEUS FRUTOS: UM ESTUDO DAS
METÁFORAS EM SERMÕES DE JONATHAN EDWARDS***

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Inglesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Prof. Suênio Stevenson Tomaz da Silva - Orientador - UFCG

Prof. Danielle Dayse Marques de Lima– Examinadora - UFCG

Prof. José Mário da Silva Branco– Examinador - UFCG

CAMPINA GRANDE - PB
2016

Dedico este trabalho aos meus pais, por terem investido desde sempre na minha formação. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Jonathan Edwards, o meu Deus, a quem pertence toda honra, glória, sabedoria e poder. A Ele todo o meu louvor pela sua fidelidade e generosidade para comigo até aqui.

Aos meus pais, Ronaldo e Katyúscia, e ao meu irmão Ronaldo Filho, pelo apoio em todas as áreas, por estarem comigo nos dias bons e maus e por toda a compreensão, investimento, orações e suporte. O amor que tenho por vocês é imensurável, assim como minha gratidão. Painho, Mainha, eu consegui!

Ao meu pequeno Arthur, minha motivação a continuar lutando, a quem eu dedico mais que minhas conquistas acadêmicas e profissionais, mas todo o meu amor e dedicação. Você é uma benção dos Céus para mim. Te amo, meu príncipe!!!

Aos meus amigos da Missão Federal, dentre os quais não poderia deixar de destacar Agda Sousa, Jamile Nascimento, Tarciso Oliveira, Luiz Augusto Medeiros, Carlos Costa, Lucas Cirne, Otniel Cabral e Laísa Silva, por todas as orações, sorrisos e lágrimas compartilhados. Sem vocês teria sido muito mais difícil. Quão preciosa é a vossa amizade.

À Laryssa Barros, minha companheira inseparável de todos os trabalhos acadêmicos, mas muito mais que isso, uma verdadeira amiga que ganhei nestes anos árduos de graduação. Obrigada, Lalá, por ter estado presente todos os dias, me ouvindo, me apoiando e às vezes até me consolando. Por ter me compreendido nos momentos de *stress* e por sempre ter respeitado minhas opiniões. Você é muito especial.

Aos meus demais colegas de turma: Mariana, Walter, Luciana, Edith, João, e Sarah, que fizeram desses anos mais bonitos e agradáveis. Nunca esquecerei de todas as nossas brincadeiras, dramas e desesperos. Foi muito bom ter tido o privilégio de estudar com vocês. Yes, we are #murderedbyyourcourse!

Ao meu orientador, o professor Suênio Stevenson, a quem aprendi a admirar por toda a ética e diligência com que conduz o seu trabalho. Por todo suporte, paciência e incentivos, obrigada professor!

Ao corpo administrativo da UFCG e aos docentes da Unidade Acadêmica de Letras, por terem oportunizado a janela que hoje vislumbro, deixo meus sinceros agradecimentos. Não poderia deixar de destacar os nomes dos professores José Mário

da Silva, Normando Brito de Almeida, Neide Cruz e Vivian Monteiro, pessoas através de quem, muito mais que conhecimento, eu tive a oportunidade de agregar valores éticos e morais a minha vida. Tenho orgulho de tê-los conhecido. Obrigada por toda a ajuda que me dispensaram!

Aos professores examinadores deste trabalho monográfico, Danielle Marques e José Mário da Silva, que gentilmente aceitaram fazer parte da conquista que hoje obtenho, também expresse minha gratidão.

A todos os que me ajudaram direta ou indiretamente ao longo do caminho, na vida pessoal e/ou acadêmica, o meu muito obrigada!

Que a graça de Deus alcance as vossas vidas incondicionalmente.

SOLI DEO GLORIA

RESUMO

Esta monografia apresenta um estudo sobre metáforas em cinco sermões de Jonathan Edwards, extraídos da série *Caridade e seus frutos*, considerada por alguns teóricos como uma das que mais retrata o cerne de todo o pensamento teológico, ético e filosófico de Edwards (LOUIE, 2007; MARDSEN, 2003; NICHOLS, 2011; PIPER, 2011). Dada a relevância do autor da obra no contexto norte-americano, uma vez que este é considerado até hoje como um ícone na história eclesiástica da América (FERREIRA, 2014; MARDSEN, 2015; RULAND e BRADBURY, 1991 e SPILLER, 1967), este trabalho se justifica por abordar os sermões mediante um viés linguístico, possibilitando a interpretação dos conceitos que lhe são subjacentes. Nesse sentido, objetivamos, através de um levantamento bibliográfico de cunho qualitativo, analisar como e com que finalidade as metáforas são empregadas no discurso Edwardiano. Para isso, nos apoiamos nas teorias propostas por autores como Ricoeur (1991 apud MEDINA, 2007) e Lakoff e Johnson (2002), que concebem a metáfora como figura do pensamento, isto é, um instrumento cognitivo que nos faz ver, pensar, falar e agir sobre determinados conceitos de uma determinada maneira e não de outra. Como resultado, constatamos que a apropriação de tal recurso linguístico por Jonathan Edwards supera as intenções propostas meramente pela retórica, pois é responsável por produzir uma espécie de aproximação entre ideias originalmente distantes, uma vez que ele discorre sobre temas inerentes a naturezas díspares, a saber, a espiritual e a humana, representando aquilo que não pode ser expresso de modo literal, tornando o discurso inteligível aos seus ouvintes.

Palavras-chave: Sermões. Jonathan Edwards. Metáforas.

ABSTRACT

This monograph proposes a study of metaphors in five sermons by Jonathan Edwards in *Charity and its fruits* collection, which is regarded as one of the most faithful portrait of the theological, ethical and philosophical thought of Edwards (LOUIE, 2007; MARDSEN, 2003; NICHOLS, 2011; PIPER, 2011). Given the importance of the author's work in the North American context, since he is until nowadays considered as an icon of the ecclesiastical history of America (FERREIRA, 2014; MARDSEN, 2015; RULAND and BRADBURY, 1991; and SPILLER, 1967), this work is justified by addressing the sermons through a linguistic perspective that allows the interpretation of its underlying concepts. Thus, by means of a bibliographical and qualitative survey, we aim at analyzing how and for what objectives metaphors are used in the Edwardian speech. For this, we rely on the theories proposed by authors such as Ricoeur (1991 apud MEDINA, 2007) and Lakoff and Johnson (2002), who consider the metaphor as a figure of thought, that is, a cognitive instrument that makes us see, think, speak and act on certain concepts in a certain way and not another. As a result, we found that the appropriation of such linguistic resource by Jonathan Edwards exceeds the intentions proposed merely by rhetoric. It is responsible for producing a kind of approximation between distant ideas, since he discusses about themes concerning to disparate natures, that are the spiritual and the human ones, representing what cannot be expressed literally, making his speech intelligible to his listeners.

Keywords: Sermons. Jonathan Edwards. Metaphors.

SUMÁRIO

1.0. INTRODUÇÃO.....	10
2.0. A TRADIÇÃO PURITANA NA LITERATURA NORTE-AMERICANA E JONATHAN EDWARDS	13
3.0. METÁFORAS COMO RECURSOS ESTILÍSTICOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	23
4.0. UM ESTUDO DAS METÁFORAS EM SERMÕES DE JONATHAN EDWARDS	31
5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
6.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

1.0. INTRODUÇÃO

Contemporâneo de Benjamin Franklin, Jonathan Edwards foi um puritano, considerado por muitos o maior filósofo e teólogo que já adornou a cena norte-americana até agora. (FERREIRA, 2014; JONES, 2013; LAWSON, 2010; LOUIE, 2007; MARDSEN, 2015; NICHOLS, 2011; PACKER, 1996; PIPER e TAYLOR, 2011; SPILLER, 1967). Peter Thuesen (1997 apud PIPER e TAYLOR, 2011, p.46) refere-se a ele “como um “grande espelho”, no intuito de captar a visão de que há uma amplitude no trabalho de Edwards que oferece aos acadêmicos e a outros de áreas muito diferentes, ricas oportunidades para refletir uma variedade de elementos”. Embora seja autor de uma imensa literatura¹, Edwards é bastante conhecido apenas pelo famoso sermão *Pecadores nas mãos de Um Deus irado*, um exemplo da severidade da pregação de fogo do inferno, proferido em 8 de julho de 1741 em Enfield, Connecticut, Estados Unidos.

No entanto, embora este sermão abranja um tema importante da teologia Edwardiana, dista de ser um ícone resumidor da sua obra como um todo, pois o mesmo não abraça algumas das principais ênfases da sua reflexão. Em contrapartida, uma obra muito pouco difundida, publicada apenas postumamente, mas que desempenha um papel relevante para a compreensão do pensamento de Edwards é *Caridade e Seus Frutos*, em que o leitor pode se deparar com a explicação e definição de virtude, afeições e glória, entre outros temas que permeavam a vida do pastor de Northampton e de sua família como um todo. Não é à toa que Ball (2015, p.71) diz que *Caridade e Seus Frutos* em muito se aproxima da essência de toda visão teológica, ética e filosófica de Edwards.

A linguagem utilizada por Edwards em seus textos é muito marcada por metáforas, figuras de linguagem que subjazem o discurso linguístico e, por sua vez, representam um fenômeno central da linguagem. Devido a isso, fomos levados a questionar com que finalidade e até que ponto tais figuras eram utilizadas nos sermões Edwardianos. Além disso, buscamos também investigar se é possível que os atributos de amor incomparavelmente belo e de ira avassaladora, pregados por Edwards, pertençam ao mesmo Deus sem que haja contraposição. Nesse sentido, procuramos

¹ Ferreira (2014, p.286) destaca que Edwards escreveu cerca de mais de mil sermões, além das suas *Resoluções*, seu *Diário pessoal*, as *Miscelâneas*, alguns tratados e livros.

entender como se relacionam as dicotomias Amor e Ira, Céu e Inferno, a partir da análise de cinco sermões extraídos do compêndio *Caridade e seus frutos*.

Uma das características da pregação puritana era a simplicidade com que a mensagem Bíblica era transmitida, no intuito de tornar Deus conhecido a todos os ouvintes, do mais erudito ao mais leigo (PACKER, 1996, RYKEN, 2013). Acreditamos que, enquanto pastor puritano, Edwards tinha esta preocupação, e lançava mão das metáforas como sendo um recurso linguístico capaz de aproximar algo pouco conhecido, em termos de algo melhor conhecido. Isto é possível quando reconhecemos a metáfora como uma invenção livre do discurso previamente elaborada e incorporada pela mente humana (LAKOFF e JOHNSON, 2002), que suscita uma nova pertinência semântica em detrimento de uma significação literal, transcendendo a questão da retórica.

No que se refere à ira do Deus de amor pregado por Edwards, esta se justifica quando compreendemos que Deus, sendo santo, não se deleita no mal. Se Deus deixasse de mostrar sua ira contra o pecado, isso seria uma falha no seu caráter. Se Deus não manifestasse sua justiça retributiva, ele negaria a si mesmo (ANGLADA, 2007; GRUDEM, 2009; PINK, 1990). Como Edwards cria que “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3.23), ele se move para retratar de maneira vívida e poderosa em seus sermões a situação desesperadora da humanidade condenada ao inferno e a necessidade absoluta de um salvador, pois se não fosse assim, jamais poderia haver reconciliação entre Deus e a raça humana. Daí a importância da figura de Cristo que, por amor, sacrificou-se no lugar do pecador, aplacando a ira divina e se tornando o mediador entre Deus e os homens, permitindo acesso ao céu.

Baseado nessas premissas, o objetivo desse estudo é analisar como se dá o uso das metáforas em cinco sermões de Jonathan Edwards, tornando claro o tema que de fato permeou toda a sua vida pessoal, casamento, carreira e ministério, a saber, o amor cristão para com Deus e para com os homens. Além disso, pretendemos problematizar o preconceito literário centrado no cânone, de que sermões não devem ser considerados gêneros literários, visto que enxergá-los como literatura é fundamental para a compreensão de muitas características posteriores da literatura norte-americana, visto que esta veiculou alguns elementos importantes da herança europeia.

Desse modo, este trabalho monográfico se justifica pela relevância do estudo de Jonathan Edwards sob uma perspectiva linguística, uma vez que este é o caminho que possibilita a interpretação dos conceitos por ele estabelecidos. Além disso,

sendo uma figura tão importante para a historiografia literária norte-americana, o estudo de seus escritos no contexto universitário é uma forma de viabilizar o acesso ligado a questões culturais, políticas, filosóficas e literárias.

Para a realização deste estudo, foi feito um levantamento bibliográfico de cunho qualitativo. Para isso, dividimos esta monografia em três capítulos, em que o primeiro aborda um panorama histórico geral sobre Jonathan Edwards e suas raízes puritanas, segundo o pensamento de autores como Ferreira (2014), Mardsen (2003), Nichols (2011), Packer (1996), Ruland e Bradbury (1991), Spiller (1967), entre outros. É também neste capítulo que caracterizamos o gênero sermão enquanto literatura, conforme as ideias de Eagleton (1997). No segundo capítulo, há um estudo a respeito das metáforas enquanto mecanismo cognitivo central na estrutura e organização do pensamento e das experiências, como sustentado por Ricoeur (1991 apud MEDINA, 2007) e Lakoff e Johnson (2002).

O terceiro e último capítulo, traz a análise do *corpus*, composto por cinco dos dezesseis sermões que compõem *Caridade e seus frutos*, a saber, o primeiro, *Caridade ou amor, a suma de toda virtude*; o décimo primeiro, *Toda graça genuinamente cristã no coração tende a uma prática de vida santa*; o décimo terceiro, *Todas as graças do cristianismo estão conectadas*; o décimo quarto, *A caridade, ou a verdadeira graça, não será destruída pela oposição*; e o décimo sexto, *O céu: universo de caridade ou amor*².

² Tradução da Editora Fiel (2015).

2.0. A TRADIÇÃO PURITANA NA LITERATURA NORTE-AMERICANA E JONATHAN EDWARDS

O Puritanismo é um tipo de mentalidade, de atitude. Trata-se essencialmente de um movimento em defesa da reforma eclesiástica, da renovação pastoral, do evangelismo, e do avivamento espiritual; como uma expressão direta de seu zelo pela honra de Deus (JONES,1993; PACKER,1996; RYKEN, 2013). Seu interesse principal era obter uma Igreja pura, que abandonasse os vestígios restantes de cerimônia, ritual e hierarquia católicos, tornando-se uma Igreja verdadeiramente reformada, que pusesse a doutrina das Sagradas Escrituras em uma posição central, enfatizando principalmente a doutrina da graça, que pode ser sintetizada da seguinte maneira: “Deus é a fonte de todo benefício humano e não se pode adquiri-la por mérito humano” (RYKEN, 2013, p. 79).

É difícil estabelecer uma data para o início do movimento puritano, pois, por exemplo, como aponta Jones (1993, p.249), em 1524, Willian Tyndale já possuía essa mentalidade tendo um ardente desejo de que o povo comum pudesse ler as Escrituras, e, contra o endosso e a sanção dos bispos, ele mesmo lançou uma tradução da Bíblia. Segundo Packer (1996), foi no século XVI que os protestantes evangélicos da Igreja da Inglaterra foram chamados de “Puritanos”, visto que queriam eliminar os resquícios das práticas católicas romanas que sobreviviam na Igreja da Inglaterra moldada por Elizabeth I, Tiago I e seus conselheiros. Naquela época, este termo tinha uma conotação satírica e ofensiva, proveniente do descontentamento motivado pela religião elisabetana.

No entanto, independente do que viessem a pensar deles, o fato é que eram pessoas que queriam completar a Reforma, e consideravam que a melhor forma de se obter isso era através da pregação expositiva, em que todas as partes da Bíblia fossem entendidas e expostas numa pregação que falasse de forma direta ao coração. A esse respeito, Packer (ibid, p.25) afirma:

O alvo dos Puritanos era completar aquilo que fora iniciado pela Reforma inglesa: terminar de reformar a adoração anglicana, introduzir uma disciplina eclesiástica eficaz nas paróquias anglicanas, estabelecer a retidão nos campos político, doméstico e sócio-econômico, e converter todos os cidadãos ingleses a uma vigorosa fé evangélica. Por meio da pregação e do ensino do evangelho, bem como da santificação de todas as artes, ciências e habilidades, a Inglaterra teria de tornar-se uma terra de santos, um modelo e protótipo de piedade coletiva, e, como tal, um meio para toda a humanidade ser abençoada.

Os Puritanos colocavam grande ênfase na aplicação da Palavra de Deus, desejando falar a pessoas de todos os níveis, de forma objetiva e não rebuscada, e que fosse

compreendida. Esse conceito era muito diferente do que era praticado na Igreja Anglicana daquela época, que, conforme aponta Jones (1993), mantinha um estilo de pregação muito florida, sendo até mesmo ministrada em latim. A crença puritana desencadeou uma enorme opressão ao protestantismo. Gomes (2009, p. 18) ressalta que na Europa, “os puritanos muito sofreram com a perseguição religiosa [...] Vários puritanos chegaram a ser torturados e até mesmo enforcados por exercer a sua fé.” Devido a isso, muitos foram levados a se deslocarem para a América, onde tinham o objetivo de criar espaços de vivência em que pudessem exercer livremente seus preceitos de fé cristã.

Enquanto calvinistas, algumas das principais convicções puritanas são a soberania de Deus, a salvação pela fé em Cristo, a eleição por Deus das pessoas para a salvação, a irresistibilidade da graça de Deus e a depravação humana. Mas, para além disso, segundo Ryken (2013, p. 46 e 47), os puritanos acentuavam a autoridade das Escrituras, crendo que a Bíblia tem uma autoridade reguladora; e entendiam que Deus relaciona-se com as pessoas através de pactos ou acordos solenes, de modo que esta era a explicação puritana para instituições como a Família, a Igreja e o Estado. Ser puritano, portanto, significava ter uma filosofia de vida, isto é, ter uma atitude com relação ao universo que de forma nenhuma deixava de lado os interesses da vida secular. O Puritanismo no século XVII não era, no sentido mais estrito, limitado à religião e a moral. Segundo Packer (1996, p.20):

Para eles não havia disjunção entre o sagrado e o secular; toda a criação, até onde conheciam, era sagrada, e todas as atividades, de qualquer tipo, deviam ser santificadas, ou seja, feitas para a glória de Deus [...] Viam a vida como um todo, integravam a contemplação com a ação, culto com trabalho, labor com descanso, amor a Deus com amor ao próximo e a si mesmo, a identidade pessoal com a social, e um amplo espectro de responsabilidades relacionadas umas com as outras, de forma totalmente consciente e pensada.

Nesse sentido, Ryken (2013, p.48) contribui dizendo que os Puritanos criam que Deus havia criado o mundo físico e humano, e que tudo isso era bom em princípio. Eles acreditavam que o mundo físico apontava para Deus, e neste ponto eles eram os sacramentalistas dos seus dias, muito mais do que aqueles que multiplicavam as cerimônias dentro das quatro paredes da Igreja. Desse modo, embora alguns caracterizem a força da sociedade puritana como repressiva, outros creem que a sociedade puritana é a base dos valores americanos, em virtude cívica, e uma base essencial ao desenvolvimento da democracia. Eles se esforçavam para manter juntas duas coisas: de um lado, um coração que ardia em amor a Deus e ao próximo; e de outro, um intelecto preparado, pois entendiam que somente com uma mente bem-educada e preparada e com o coração cheio de fervor e amor a Deus, eles poderiam

impactar a vida das pessoas ao seu redor, transformando assim a comunidade em que viviam. Segundo VanSpanckeren (1994, p.5), “talvez não tenha havido na história mundial outro grupo de colonos tão intelectualizados quanto os Puritanos. ”

Como resultado, como apontam Gomes (2009) e Ryken (2013), ao final do século XVII a vida na Nova Inglaterra havia se desenvolvido bastante devido à disseminação dos valores religiosos e éticos dos puritanos, como sua responsabilidade com o trabalho, sua disciplina de vida, sua rejeição aos vícios e a preocupação em serem bons administradores das bênçãos de Deus. Conseqüentemente, quase não havia pobreza e o nível educacional das pessoas também era elevado, tendo em vista a cultura literária ali estabelecida. Ryken (2013) explicita:

O movimento puritano foi um movimento erudito. Seu objetivo era a reforma da vida religiosa, nacional e pessoal, e seus adeptos rapidamente sentiram que um dos meios mais eficazes de influenciar a sociedade era por intermédio das escolas. Tanto na Inglaterra como na América, o movimento puritano esteve intimamente ligado às universidades³[...] Não surpreende, portanto, que o puritanismo tenha sido um movimento altamente literário, possuindo uma “voracidade vital pela articulação”. (RYKEN, 2013, p. 45)

Exatamente através da literatura que os homens e mulheres da Nova Inglaterra estavam prestes a escrever o percurso que a América estava seguindo. Concordamos com Candido (1995, p.176) quando define a literatura como “uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente”. Desta forma, acreditamos que a literatura vem auxiliando o homem a entender seus sentimentos e lhe tem proporcionado a expressividade pela arte. Sua função social possibilita a apreciação pela cultura e conhecimento de si e do outro, ampliando novos horizontes. Dentro dessas premissas, os novos colonizadores dos Estados Unidos escreviam na tentativa de construir um senso de nacionalidade que, no início, tinha traços de nostalgia da pátria inglesa, como pontua Gomes (2009). Foi preciso que os primeiros habitantes da Nova Inglaterra primeiro se adaptassem ao novo lar e internalizassem toda a mudança cultural entre a Europa e a América, para somente então amadurecerem também quanto a literatura. Segundo Spiller (1967, p.02):

Muitos dos escritos deixados por esses exploradores e colonizadores[...] buscavam justificar os seus próprios negócios para que pudessem tomar posse de novas terras,

³ CRISIS (apud RYKEN,2013, p.45) comenta: “Foi esta infiltração nas universidades que transformou o puritanismo da excentricidade seccional de algumas grandes famílias no campo e grupos de artesãos e pequenos comerciantes num movimento de escopo nacional, afetando todas as classes da sociedade. ”

riquezas e povos para os monarcas que tinham patrocinados seus investimentos, bem como para descrever as condições geográficas e econômicas, a fim de ajudar aqueles que estavam para segui-los. (Tradução Minha).⁴

Os primeiros escritores dos Estados Unidos procuravam compreender e descobrir a natureza e os propósitos desse novo mundo que a eles se apresentava. William Bradford (1590-1657) foi um dos que se mais se destacou neste período inicial. VanSpanckeren (1994, p.6) pontua que ele foi governador da colônia de Massachusetts por várias vezes, e que Bradford também tem uma enorme importância histórica por ser um dos idealizadores do chamado *Mayflower Compact* (Acordo de Mayflower), o primeiro documento oficial composto pelos peregrinos da colônia de Plymouth. No entanto, sua obra mais importante foi *Of Plymouth Plantation*, um diário pessoal cuja narrativa tratava da permanência dos colonos na região de Massachusetts. Segundo Gomes (2009, p.20):

Of Plymouth Plantation é uma obra extremamente rica por dois motivos fundamentais. Primeiramente, porque é o mais vívido e detalhado documento descrevendo o cotidiano, os problemas e o progresso em uma das mais importantes das treze colônias no século XVII; a outra razão para a natureza complexa dos escritos de Bradford é a mescla desse aspecto factual com os comentários e as interpretações do autor, o que leva a um entendimento mais completo do período. Dessa forma, enquanto do ponto de vista histórico, *Of Plymouth Plantation* pode ser considerada como anais do período colonial; do ponto de vista literário os diários de William Bradford são um material que atestam o estilo e a linguagem de formação da literatura norte-americana.

A medida que a Nova Inglaterra se desenvolvia, os escritos puritanos procuravam conciliar os preceitos bíblicos com o surgimento de novas formas de relacionamento em sociedade. Anne Bradstreet (1612-1672), por sua vez, foi uma das que viu a situação como uma grande oportunidade para expressar sua subjetividade e imaginação poética, sendo reconhecida até hoje como um dos maiores nomes da poesia, não só norte-americana, mas de toda a língua inglesa (VANSPANCKEREN, 1994). Com extrema sensibilidade ao tratar das adversidades presentes no cotidiano do novo continente e com um tom metafísico que lhe permite ultrapassar a mera descrição de eventos, Bradstreet desperta interesse não só pela importância histórica, mas também pela qualidade de sua escrita. Seus trabalhos são cruciais para um maior entendimento do período colonial e para o despertar de uma sensibilidade metafísica que influenciou outros poetas americanos nos séculos seguintes, como afirma Gomes (2009, p. 22).

⁴ “Mainly of the writing left by these early explorers and settlers [...] sought mainly to justify their own enterprises, to take possession of the new lands, riches, and peoples for the monarchs who had sponsored their undertakings, and to describe geographic and economic conditions in order to help those who were to follow them” (SPILLER, 1967, p. 02).

Por ordem de importância, conforme elenca VanSpanckeren (1994, p. 6), outros autores se destacaram pela capacidade de compor a literatura daquele período em forma de poemas, como é o caso de Edward Taylor (1644-1729) e Michael Wogglesworth (1631-1705), autor do que podemos considerar o primeiro *bestseller*, *The Day of Doom*. Para além da poesia, destacam-se Samuel Sewall (1652-1730), que escreveu um diário cujos relatos históricos e seculares “descrevem fatos verdadeiros com detalhes vibrantes”. (VANSPANCKEREN, *ibid*, p.9); Mary Rowlandson (1635-1678), que escrevia prosa, e, dentro desta categoria, foi a primeira escritora digna de notas; Cotton Mather (1663-1728), cuja obra é composta por mais de 500 livros e panfletos, todos sobre a Nova Inglaterra; Roger Williams (1603-1683), um dos primeiros críticos ao imperialismo e autor de diversos livros; e John Woolman (1720-1772), autor antiescravagista, famoso por seu extenso diário.

Nesses termos, concordamos então com Ruland e Bradbury (1991, p. 18 – Tradução Minha⁵), que afirmam que “a principal parte da expressão literária que temos do período Puritano não é [em sua maioria- *grifo meu*] o que chamaríamos hoje de literatura imaginativa. História, anais, registros de viagem, observação científica, o diário, o sermão, a meditação ou a elegia - estas foram as expressões centrais da mente americana puritana. ” Devido à presença das crenças e o estilo da vida puritanas, o sermão foi o gênero mais disseminado entre eles (GOMES, 2009, p.23). De acordo com o Dicionário Avançado Oxford (HORNBY, 2005, p.1.386 – Tradução Minha), o sermão é um discurso sobre um assunto moral ou religioso, geralmente dado por um líder religioso durante um culto⁶. Entendendo a religião como um dos sistemas de fé baseado na crença da existência particular de um Deus ou de deuses⁷ (HORNBY, *ibid*, p. 1.279 – Tradução Minha), quando esta é aplicada a vida dos seus seguidores, constitui um paralelo com a cultura, formando-a, visto que desde os séculos mais remotos o homem estabelece essa ponte, devido às necessidades que lhe são próprias.

Como a religião funciona como uma força motriz responsável seja por afetar o ser humano, seja por ser por ele afetada, e o sermão é um gênero de discurso religioso que apresenta um expressivo trabalho com a linguagem; logo, este pode ser considerado Literatura, uma vez que o caráter literário depende da forma pela qual o leitor lê o texto, e não da natureza do que é lido, como pontua Eagleton (1997, p.12):

⁵ “The main part of the abundant literary expression. We have from the Puritan Period is not what we would now call imaginative literature. History, annal, travel record, scientific observation, the diary, the sermon, the meditation or the elegy – these were the central expressions of the American Puritan mind.” (RULAND e BRADBURY, 1991, p. 18).

⁶ Sermon: “A talk on a moral or religious subject, usually given by a religious leader during a service”. (HORNBY, 2005, p. 1.386)

⁷ Religion: One of the systems of faith that are based on the belief in the existence of a particular God or gods (HORNBY, *ibid*, p. 1.279).

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado.

Logo, conceituar literatura seria uma questão de entender que reações as pessoas podem ter por meio do ato de escrever, bem como que tipo de efeito a escrita pode ocasionar à percepção das pessoas. Por isso acreditamos que a literatura possa ser conceituada não pelo fato de ser ficcional ou imaginativa, nem tampouco porque emprega a linguagem de forma peculiar, mas por poder ser considerada uma categoria de linguagem convencionada, que atrai a atenção para si, evidenciando-se a partir de uma decisão comunitária (EAGLETON, 1997).

Seguindo este raciocínio, caracterizamos o sermão como gênero literário, visto que a pregação era levada muito a sério pelos puritanos, e considerada digna de trabalho exaustivo (PACKER, 1996). Tais sermões tinham uma estrutura muito diferente das que podemos ver nas homilias de hoje. Os sermões puritanos eram devotos em sua metodologia. Segundo Ryken (2013, p. 178), eles seguiam uma forma composta basicamente por três partes sendo estas 1- Interação com o sentido superficial do texto, 2- Dedução de princípios doutrinários e morais do texto, 3- Demonstração de como aqueles princípios podem ser aplicados na vida cristã diária. Nichols (2011, p.12) elucida:

Começavam com um texto bíblico, normalmente apenas com um versículo ou uma pequena porção das Escrituras. Na maior parte das vezes, mas nem sempre, fazia-se uma breve exposição logo após a leitura do texto. Em seguida, vinha a doutrina, que era apresentada por meio de uma única sentença e depois desenvolvida em muitos parágrafos com esboços detalhados.

Gomes (2009, p.23) comenta que o sermão atingiu o ápice de sua popularidade durante o movimento chamado de *Great Awakening* (Grande Despertar): Fenômeno sócio religioso em reação por parte de pastores e homens religiosos ao formalismo a que o puritanismo estava sendo submetido, com seus principais ideais sendo esquecidos ou adquirindo pouca importância. Nessa mesma época, o racionalismo iluminista e sua versão religiosa, o deísmo, ameaçavam diretamente não somente as convicções evangélicas e reformadas dos puritanos, mas também os próprios fundamentos do cristianismo histórico. Ruland e Bradbury (1991, p.37 – Tradução Minha⁸) esclarecem:

⁸ The eighteenth century was a period of major change in American ideals, a change which did not so much displace the millenarian impulses so deeply associated with the American continent and American settlement as

O século 18 foi um período de grande mudança nos ideais norte-americanos, e essa mudança não alterou de modo significativo os impulsos milenares tão profundamente associados ao continente americano e à colonização dos Estados Unidos, mas foram remodelados em resposta às questões intelectuais e científicas da Era da Razão. Nos Estados Unidos, como também em outros lugares, o mundo da Reforma de Aristóteles e Ramus deu lugar ao mundo do Iluminismo construído por Newton e Locke; a Filosofia, em vez de teologia rígida, transformou-se em ciência natural; os valores do Deísmo e do naturalismo moral, bem como o liberalismo e o progresso, pouco a pouco se tornaram caminhos adequados para a interpretação da experiência Norte-americana.

Em meio a esse cenário, surgiu Jonathan Edwards na Nova Inglaterra. Produto da cultura calvinista do local, atingira sua maturidade no século XVIII, quando se questionava de que maneira o velho experimento puritano sobreviveria no mundo autoconfiante do Império Inglês e do Iluminismo. Para reagir a esta justaposição entre a modernidade inglesa e herança puritana, Edwards se desenvolveu para ser uma das figuras mais influentes na cultura inglesa colonial dos anos de 1700, como aponta Mardsen (2015, p.15). Ainda jovem, Edwards reconheceu que a teologia calvinista que dominava a vida intelectual da Nova Inglaterra se encaixava cada vez menos nos padrões britânicos que regiam naquela época. Desta forma, ele trabalhou vigorosamente para usar o que considerou como essencial em tudo o que tinha aprendido com seu pai e avô, os respeitadores pastores Timothy Edwards e Solomon Stoddard, respectivamente, a fim atender aos desafios de uma era que mudava em passos acelerados (MARDSEN, *ibid*). Como resultado, Jones (2013, p. 357) afirma que o puritanismo chegou à sua mais completa florescência na vida e ministério de Jonathan Edwards.

Pregador, pastor, teólogo, escritor, acadêmico, metafísico, líder avivalista e arquiteto da própria cultura, ele se tornou uma das mais importantes figuras não só do Grande Despertar, mas para todo os Estados Unidos (FERREIRA, 2014; JONES, 2013; LAWSON, 2010; LOUIE, 2007; MARDSEN, 2015; NICHOLS, 2011; PACKER, 1996; PIPER, 2011; RYKEN, 2013; SPILLER, 1967). Como um homem erudito e que levava a sério as realidades e desafios do seu tempo, Edwards não poupou esforços não somente para resgatar o fervor espiritual e a herança puritana, mas também objetivando demonstrar que não há qualquer conflito intransponível entre fé e razão. Sua importância reside no fato de ele ter feito isso não como um revolucionário, mas como um inovador.

refashion them in response to the intellectual and scientific questions of the Age of Reason. In America, as elsewhere, the Reformation world of Aristotle and Ramus gave way to the Enlightenment world shaped by Newton and Locke; philosophy turned from rigid theology toward natural science; the values of Deism and moral naturalism, liberalism and progress increasingly became the appropriated ways to interpret American experience (RULAND e BRADBURY, 1991, p.37).

Sua experiência de sustentar fortemente o calvinismo na era Iluminista, resultou em um legado importante para a história e que perdura até os nossos dias. Nesse sentido, concordamos com Lawson (2010, p. 10), ao dizer que “Edwards é considerado o grande personagem na história eclesiástica da América Colonial – possivelmente o maior que a América do Norte já teve.” É importante destacar que falar de Jonathan Edwards é muito mais do que discorrer sobre um mero defensor das antigas tradições calvinistas contra pensadores liberais. Isso se deve ao fato de que é comum, principalmente em suas anotações particulares⁹, ver o que ele escrevia, por exemplo, sobre as implicações da física Newtoniana e a epistemologia de John Locke. Mardsen (2015, p.42) comenta:

Edwards passou a ver que o universo era essencialmente pessoal, uma emanção do amor e da beleza de Deus, de modo que tudo, até matéria inanimada, era uma comunicação pessoal de Deus. Portanto, em contraste com muitos contemporâneos como Franklin, que viam as leis e os movimentos de Newton como algo que provia o modelo para se entender um universo essencialmente impessoal, Edwards começou com um Deus pessoal e soberano, que se expressava até no relacionamento sempre mutável de cada átomo com outro átomo. Este discernimento dramático seria a chave para todo outro aspecto do seu pensamento.

Baseado nisso, Edwards convencionou especulações metafísicas corajosas com estrita observância às doutrinas tradicionais. Devido a esta combinação do antigo com o novo, a teologia de Edwards é praticamente singular quando comparada a de outros teólogos americanos. E é esta combinação que o torna tão interessante para os estudiosos. Enquanto pastor puritano, Jonathan Edwards tem como objetivo principal guiar pessoas a aceitarem a Cristo, e a ênfase maior dos seus escritos e sermões está na majestade, glória e graça de Deus (FERREIRA,2014). Entretanto, curiosamente, o seu sermão mais famoso tem como tema central a ira Divina, no qual ele faz um apelo urgente ao arrependimento a fim de que as pessoas escapem do terrível destino do inferno. Mardsen (ibid, p. 101) explica:

“Pecadores nas mãos de um Deus irado” é citado habitualmente como um exemplo da severidade da pregação de fogo do inferno na América Primitiva. Entretanto, vê-lo apenas como isso é perder de vista maior parte da verdade. Os pregadores desta época pregavam com regularidade sobre o inferno porque acreditavam que ele era uma realidade terrível sobre a qual as pessoas precisavam ser alertadas.

Para um melhor entendimento das ideias edwardianas, precisamos compreender que ele as entendia como paráfrases das Escrituras, e a cargo de suas ocupações, Edwards sentia-se na responsabilidade (e assumia-a) de instruir as pessoas. Em sua interpretação, as Escrituras

⁹ EDWARDS, J. The Complete Works of Jonathan Edwards. 2 Volume Set. Hendrickson Publishers: Massachusetts, 2011.

dizem coisas terríveis sobre quem morre em seus pecados, e esta foi a razão principal de sua ministração. O próprio Edwards (2011, Vol. 1, p. 392) justifica:

Quando as consciências são grandemente despertadas pelo Espírito de Deus, é lhes comunicada alguma luz, capacitando os homens a enxergarem a sua situação, nalguma medida, como ela é; e, se lhes for dirigida mais luz, esta os aterrorizará ainda mais. [...]Dizer qualquer coisa aos que jamais creram no Senhor Jesus Cristo, descrever a situação deles doutro modo, senão que é extraordinariamente terrível, não é pregar-lhes a Palavra de Deus; pois a Palavra de Deus só revela a verdade; mas isso é iludi-los" (Tradução Minha)¹⁰

Edwards sustenta que para chegarem a Deus, as pessoas precisariam saber quem Ele é. Segundo o *Catecismo Maior de Westminster*¹¹, Deus é um ser infinito. Portanto, sendo Ele assim, seus atributos também o são. Isso explica o tema “inferno” como centro desse sermão, visto que o horror infernal eterno é a imagem invertida da felicidade celestial eterna, caracterizando a infinitude de Deus, que concomitantemente habita no céu em forma de amor e graça, e no inferno em forma de juízo e ira. Apenas se a majestade de Deus não fosse infinita, seu descontentamento não seria infinitamente terrível.

No entanto, como ilustra Nichols (2011, p. 114), Paul Ramsey, um dos estudiosos de Edwards na Universidade de Princeton, lamentava o fato de Edwards ser conhecido por muitos apenas por “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, e não como o pregador de “O céu é um mundo de amor”, último sermão que compunha uma série de dezesseis, intitulada “A caridade e seus frutos”. Neste, Edwards trata sobre o amor direcionado primeiramente a Deus e, em segundo lugar ao próximo. É o amor ativo, que frui como consequência do serviço a Deus e aos outros, de modo que esse amor e seus frutos são as marcas distintivas de um discípulo.

Edwards tinha um profundo conhecimento Bíblico sobre pecado e julgamento, o qual ficou muito claro em “Pecadores...”. O que muitos não sabem é que ele tinha uma percepção igualmente profunda da beleza e da alegria de Deus, da glória do céu e da felicidade dos eleitos. Era um conhecedor latente da miséria da vida e do mal presente no coração humano, mas que também sabia a intensidade do poder do amor, de uma vida de amor, adquirida a partir de um relacionamento com o próprio Deus, e o poder de viver em consonância com a dádiva do céu. Em suas próprias palavras:

¹⁰ “When consciences are greatly awakened by the Spirit of God, it is but light imparted, enabling men to see their case, in some measure, as it is; and, if more light be let in, it will terrify them still more. [...] To say anything to those who have never believed in the Lord Jesus Christ, to represent their case any otherwise than exceeding terrible, is not to preach the word of God to them; for the word of God reveals nothing but true; but this is to delude them” (EDWARDS, Vol. 1, p. 392).

¹¹ Documento de orientação calvinista escrito por teólogos ingleses e escoceses da Assembleia de Westminster no séc. XVII.

Deus é a fonte do amor como o sol é a fonte de luz. E, portanto, a gloriosa presença de Deus no céu o enche de amor, como o sol colocado no meio dos céus visíveis num claro dia, enche o mundo de luz. O apóstolo nos diz que "Deus é amor"; e, portanto, vendo que ele é um Ser infinito, segue-se que ele é uma infinita fonte de amor. Visto que Ele é um Ser autossuficiente, segue-se que Ele é a plena, transbordante e inexaurível fonte de amor. E, pelo fato de ser imutável e eterno, Ele é a imutável e eterna fonte de amor (EDWARDS, 2015, p.365).

Percebemos assim, que o Deus de Jonathan Edwards é um Deus de justiça inabalável e infinita misericórdia, de modo que essas duas coisas nunca se divorciam nem entram em conflito. Em seus sermões, Edwards lançava mão de metáforas enquanto recursos estilísticos. Portanto, daremos continuidade ao nosso estudo fazendo uma abordagem teórica a respeito da metáfora, a fim de esclarecer o leitor e encaminhar nossa análise.

3.0. METÁFORAS COMO RECURSOS ESTILÍSTICOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Só as obras bem escritas hão de passar à posteridade. (George Buffon)

Com mais de 200 anos da pregação de *Caridade e seus frutos*¹², os sermões que compõem esta série, *corpus* para a análise deste trabalho monográfico, continuam vívidos e tangíveis para os leitores de Jonathan Edwards. A fim de melhor compreendermos as suas ideias, atentaremos para a maneira com que ele formulava seus sermões que eram permeados de metáforas; recursos estilísticos que, concordando com Griffiths (2006), funcionam no texto como estratégias discursivas para transformar conceitos abstratos em representações mais concretas. Mas não foi sempre assim. Durante séculos, a teoria aristotélica da metáfora como figura retórica, cuja função era meramente de adornar o discurso, imperou como um dogma inquestionável (SARDINHA, 2007).

Segundo Citelli (2007), a retórica foi uma das primeiras reflexões feitas acerca da linguagem, tendo como objetivo analítico verificar quais os mecanismos utilizados para fazer algo ganhar a dimensão de verdade. Em seu livro *Metáfora*, Sardinha (2007) alega que esse estudo é tão antigo quanto a própria escrita, e que, por um longo período de tempo, se manteve pouco alterado. A tradição das classificações das figuras de linguagem atravessou a Idade Média, a Renascença, a Idade Moderna e pelo menos a metade do século XX, quando apenas em meados da segunda metade deste último, o tema foi retomado por alguns estudiosos e filósofos. Nas palavras do próprio Sardinha (ibid, p. 27):

Passada a dominância do modelo lógico-positivista na ciência, o interesse pela metáfora cresceu muito. Muitos estudiosos se debruçaram sobre o assunto, fundando suas próprias teorias sobre o assunto; entre os mais influentes podemos citar I.A. Richards, Max Black, Eva Kittay, Paul Ricoeur, Gilles Fauconnier, Mark Turner, George Lakoff, Mark L. Johnson, Michael Haliday e Lyne Cameron.

I.A. Richards foi o teórico responsável por criar termos (utilizados até hoje) para descrever a metáfora, que são importantes em arcabouços teóricos, são eles:

¹²A série de sermões *Caridade e seus frutos* foi pregada em 1738 (EDWARDS, 2015).

Tópico, Veículo, Base e Tensão. Max Black é conhecido pelas três visões teóricas que descreveu, a saber, as teorias da comparação, da interação e a da substituição. Porém, os dois acontecimentos que transformaram os rumos dos estudos da metáfora foram a teoria cognitiva da metáfora, proposta de Lakoff e Johnson (1980), e o aparecimento dos corpora eletrônicos, que vieram a mudar não somente o estudo da metáfora, mas também o da linguagem de modo mais geral (SARDINHA, 2007).

Para a continuação deste estudo, nos deteremos a perspectiva teórica experimental e ontológica de Lakoff e Johnson (2002), que descobriram o caráter cognitivo metafórico que permeia a linguagem comum. Para eles, as metáforas da vida cotidiana que regem nosso pensamento e nossa ação, são na verdade conceitos metafóricos que se manifestam de diferentes formas na língua. Os autores postulam que o raciocínio humano está estruturado em termos de mapeamentos metafóricos, permitindo-nos considerar a metáfora como sendo parte da cognição humana. Desta forma, podemos afirmar que há um vasto sistema metafórico subjacente à linguagem verbal, que rege o pensamento e as ações. Medina (2007, p. 138) explica a ênfase desta teoria:

Ao estabelecer conexões entre diferentes conceitos e entre diferentes aspectos da nossa experiência, as metáforas contribuem tremendamente para a sistematização de nossas estruturas conceituais e de nossas vidas. [...] nossos sistemas conceituais são de natureza metafórica: eles são postos juntos mediante conexões metafóricas, as quais podem comunicar e unir até mesmo conceitos bem distantes.

Tal sistema nos possibilita compreender como um conceito é estruturado em termos de outro, o que normalmente tem reflexos em extensões maiores do discurso. Nessa perspectiva, assim como proposto por Ricoeur (1983 apud MEDINA, 2007), a metáfora não se caracteriza exclusivamente como fenômeno da linguagem, mas passa a ser considerada como uma das características constituintes do pensamento humano, metaforicamente organizado, de modo que estruturamos nossa realidade em termos de metáforas e passamos a pensar e agir a partir delas.

Na perspectiva de Lakoff e Johnson (2002), o experiencialismo prega que o homem faz parte do meio, e sua interação com esse meio, incluindo as outras pessoas, é responsável pela compreensão que este tem do mundo. É importante ressaltar que a concepção de Lakoff e Johnson a respeito das metáforas veio como um embate à teoria objetivista, que prega um mundo baseado em condições de verdade, no qual os objetos

possuem seu valor independente do conhecimento do homem e a linguagem é considerada um espelho da mente.

De acordo com o objetivismo, as pessoas utilizam a linguagem de forma objetiva, pois toda linguagem convencional é literal. Isso significa dizer que as palavras, na sua maioria, possuem significados fixos e as pessoas só conseguem estabelecer uma comunicação precisa através dessa linguagem objetiva. Já as figuras de linguagem só seriam encontradas em discursos especiais, como a poesia e a retórica, sem nenhum valor cognitivo e que não tem o compromisso de mostrar com clareza o real significado do que se fala (LAKOFF e JOHNSON,2002).

No entanto, conforme as ideias de Lakoff e Johnson, a metáfora ocorre no cotidiano das pessoas, em suas ações e pensamentos, e não apenas na língua. Como na maioria das vezes pensamos e agimos automaticamente, uma das formas de descobirmos o funcionamento desse sistema é através da linguagem. Sobre isso, os autores (2002, p.46) explicam:

Nosso sistema conceptual não é algo quando qual normalmente temos consciência. Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam aprender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem. Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema. Baseando-nos, principalmente, na evidência linguística, constatamos que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica.

À medida que eles postulam que o pensamento humano é amplamente metafórico, e que o sistema conceptual humano é estruturado e definido por meio de metáforas, a metáfora passa a ser uma forma de conceptualização. A Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson está estreitamente associada à linguística cognitiva. Como parte da cognição humana, a linguagem está intimamente relacionada com outros domínios cognitivos. Sendo assim, a estrutura da linguagem depende - e desempenha um forte papel - na conceptualização, que por sua vez é influenciada pela nossa experiência pessoal com o mundo exterior.

Basicamente, a metáfora está entre as figuras de linguagens mais utilizadas na maioria dos textos (CITELLI, 2007, p.21), e consiste em uma comparação baseada numa associação de ideias subjetivas que mantém uma relação de semelhança na qual somos permitidos transportar o sentido próprio de uma palavra para o sentido figurado

(CITELLI, 2007; GRIFFITHS, 2006; POLONI e BERND, 2010; SARDINHA,2007).

Poloni e Bernd (2010, p. 269) explicam:

Etimologicamente, o termo metáfora deriva do grego *metaphorá* que, por sua vez, é a junção dos elementos *meta* (sobre, entre) e *pherein* (transporte, mudança). Assim, pode-se notar, já a partir de sua etimologia, a ideia de transportar algo de um lugar ao outro, no caso, transportar o sentido próprio de uma palavra para o sentido figurado [...]. Linguisticamente, a metáfora é considerada um tropo por excelência, uma figura de linguagem na qual há mudança de sentido através de caráter comparativo, que ocorre tanto no pensamento, quanto na linguagem em si.

Assim, no âmbito linguístico, a metáfora seria uma transferência de sentido de uma coisa para outra, uma vez que consiste no emprego de um termo com o sentido que se associa por força de uma comparação implícita. Isto é, corresponde a uma associação comparativa entre duas realidades, entre duas ideias, que são ligadas entre si. O que precisa ficar muito claro é que esta comparação não significa uma relação de semelhança em que $A=B$ e $B=A$. Por exemplo, se *Luiza é uma Flor*, então *Flor é uma Luiza*? Não há relação de similaridade aí, mas há um aspecto interativo entre termos que foram aproximados (FINGER,1996 apud POLONI e BERND, ibid, p.271).

No que diz respeito ao nível de uma metáfora, este é determinado pelo grau de explicitação dos termos dessa comparação. Conforme Bechara (2009, p. 329):

a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extra linguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo.

Nesse sentido, entendemos que, essencialmente, a metáfora e a comparação são formadas pelo mesmo significado, de maneira que a metáfora utiliza os termos no sentido denotativo e os transforma no modo figurado/conotativo, a fim de estabelecer uma analogia, como sendo uma comparação metafórica cujas palavras interagem entre si, passando a fazer sentido dentro de uma contextualização. Havendo contexto, há a necessidade de uma interpretação. Essa é uma ideia sustentada por Ricoeur (1983) que afirma: “[...] uma metáfora não existe em si mesma, mas numa e por uma interpretação.

A interpretação metafórica pressupõe uma interpretação literal que se autodestrói numa contradição significativa” (RICOEUR,1983 apud POLONI e BERND, 2010, p. 273).

Metaforizar, portanto, exige da parte do leitor uma interpretação que permita compreender o referente que se encontra detrás do signo. Por isso, concordamos com Griffiths (2006, p. 78 -Tradução Minha¹³) que as metáforas “tendem a provocar mais reflexão e sentimento do que descrições literais. ” Isso acontece porque elas não ocorrem exclusivamente no campo linguístico, mas passam a ser tomadas cognitivamente. Segundo Ricoeur (2000 apud POLONI e BERND, 2010, p. 272):

Não se trata já, portanto, de um simples deslocamento das palavras, mas de um comércio entre pensamentos, isto é, de uma transação entre contextos. Se a metáfora é uma habilidade, um talento, é um talento de pensamento. A retórica é apenas uma reflexão e a tradução desse talento num saber distintivo.

Nessa perspectiva, compreendemos que a contribuição das metáforas se apresenta primeiramente no campo semântico, precedendo a retórica. Elas deixam de ser um recurso de ornamentação do discurso, de sua decoração, retórica ou alegórica para, cognitivamente, criar novas conotações, novos sentidos, para, como afirma Ricoeur (1983 apud MEDINA, 2007, p. 137), “descrever uma coisa desconhecida ou pouco conhecida em termos de uma coisa melhor conhecida graças à semelhança da estrutura”, facilitando a transmissão das nossas intenções através do uso da linguagem, e estabelecendo novas significações para elementos comuns. Assim, “a função da metáfora não é simplesmente dizer o mesmo com outras palavras, mais belas e agradáveis, mas estabelecer novas significações para enunciados que poderiam ser tomados literalmente” (POLONI e BERND,2010, p. 274).

Nesses termos, as metáforas influenciam na forma como entendemos e nos expressamos em uma língua. Isso explica porque expressões metafóricas são passíveis de serem compreendidas sem um grande esforço cognitivo e por que são criadas e utilizadas no dia-a-dia, em situações corriqueiras, sem que o intuito seja necessariamente de causar um efeito retórico. Sardinha (2007, p. 30) explica que os conceitos principais da Teoria da Metáfora Conceitual são:

¹³ “Methapors tend to provoke thought and feeling to a greater extent than more literal descriptions do” (GRIFFITHS 2006, p. 78).

- **Metáfora Conceitual:** é a conceitualização de um domínio em termos de outro, como o que ocorre, por exemplo, na Metáfora Conceitual TEMPO É DINHEIRO, o que daria origem a diversas expressões metafóricas, conforme explicamos abaixo:

- **Expressões Metafóricas:** é a manifestação linguística de uma Metáfora Conceitual. Por exemplo, expressões tais como “Estou perdendo meu tempo” e “Não gaste seu tempo com isso” são manifestações da Metáfora Conceitual TEMPO É DINHEIRO;

- **Domínio:** “área do conhecimento ou experiência humana” (Sardinha, 2007: p.31). Ou seja, na Metáfora Conceitual TEMPO É DINHEIRO, temos dois domínios: o domínio fonte (DINHEIRO), que é aquele a partir do qual elaboramos um conceito metaforicamente, e o domínio alvo (TEMPO), que é o que queremos conceitualizar;

- **Mapeamentos:** são as relações entre os domínios fonte e os domínios alvo; possibilitando um leque de interpretações a partir do contexto;

- **Desdobramentos:** são as inferências possíveis de serem feitas a partir de uma metáfora conceitual. Por exemplo, se TEMPO É DINHEIRO, podemos inferir que TEMPO é um recurso finito e difícil de obter. Uma questão importante que podemos levantar diz respeito aos processamentos cognitivos que levam à produção e à compreensão de metáforas sem que elas causem, em um grande número de casos, maiores dificuldades.

Entendemos assim, que Lakoff e Johnson (2002) propõem um mapeamento sistemático entre dois conceitos: o domínio-fonte, que é a fonte de inferências, e o domínio-alvo, o local de acordo com o qual as inferências são aplicadas. Por exemplo, é possível entender a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM porque há em nós um conhecimento prévio sistematicamente organizado sobre o domínio conceptual VIAGEM, que tomamos por base a fim de compreender o domínio conceptual AMOR. Destarte, a metáfora conceptual tem esta nomenclatura porque ela conceptualiza algo, nesse caso o amor.

Os autores representam as metáforas conceptuais por meio de um mapeamento estruturado sistematicamente, destacando-as em letra maiúscula: DOMÍNIO-ALVO e DOMÍNIO- FONTE. É possível que compreendamos e experienciemos o amor em termos de viagem, porque quando amamos, seguimos algumas rotinas e conceptualizamos sistematicamente o amor em termos de viagem.

Usamos a nossa experiência cotidiana com viagens para conceptualizar o amor em termos de trajetória, partida, despedida e chegada. Por exemplo, utilizamos as seguintes metáforas linguísticas: “Depois da nossa separação, tomamos caminhos distintos”; ou “Nosso relacionamento está indo de mal a pior”. Conforme explica Sardinha (2007), tais exemplos evidenciam a conceptualização do amor em termos de uma viagem, em que os amantes são os viajantes, o relacionamento é a estrada ou caminho a ser percorrido e também pode ser o veículo.

Lakoff e Johnson (2002) fazem uma distinção importante entre metáfora conceptual e metáfora linguística. A metáfora conceptual refere-se a noções abstratas, tais como MAIS É PARA CIMA e AMOR É UMA VIAGEM, enquanto que a metáfora linguística remete às expressões linguísticas que concebem tais noções, como, no caso de MAIS É PARA CIMA, “a inflação está subindo” e, no caso de AMOR É UMA VIAGEM, “o nosso namoro não vai dar em lugar nenhum”. É importante observar que, no quadro dessa teoria, a natureza da metáfora é conceptual e não linguística. Porém, expressões metafóricas, também chamadas de metáforas linguísticas, são realizações linguísticas da metáfora conceptual.

Os autores (2002, p.59) dividem ainda as metáforas conceptuais em três tipos, a saber:

- Estruturais: que são aquelas que resultam de mapeamentos complexos em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Segundo os Lakoff e Johnson (2002, p.59), são metáforas como por exemplo DISCUSSÃO É GUERRA, AMOR É VIAGEM, TEMPO É DINHEIRO.

- Orientacionais: que são metáforas que envolvem um conceito de orientação, como o próprio nome sugere, isto é, de direção, e que generalizam termos. Tais metáforas não são arbitrárias e tem uma base na nossa experiência física e cultural. Seja como for, o que parece comum aos autores é que esse tipo de metáfora é regido por nossa experiência concreta de deslocamento que é metaforicamente projetada para a nossa experiência mais abstrata, por exemplo, para nossa vida emocional e social. Como exemplo podemos elencar PARA CIMA – PARA BAIXO; de modo que haja a estruturação “ Maria está pra cima”, referindo-nos ao fato de Maria estar de bom humor.

- Ontológicas: que são aquelas que concretizam coisas abstratas sem necessariamente estabelecer mapeamentos como fenômenos naturais e sociais, eventos e emoções, atribuindo-lhes características específicas (podendo ser também chamadas de

Metáforas de Personificação), o que nos ajuda a quantificar determinados conceitos, bem como identifica-los. Como exemplo, podemos citar A INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, que nos possibilita a interpretação de que a inflação é uma “coisa”.

Através dessa configuração, é possível enxergar que as generalizações que governam as expressões metafóricas ocorrem antes no pensamento, para depois serem expressas na linguagem. São, como vimos, mapeamentos gerais que atravessam domínios conceituais relacionados por meio de projeções, e que nos fazem experimentar uma coisa em termos de outra. “Deste ponto de vista, as metáforas desempenham um papel estruturador crucial em nossas vidas, elas estruturam não só como falamos, mas também como pensamos, como experimentamos coisas e como agimos [...] usamos metáforas para estruturar nossos conceitos” (MEDINA, 2007, p. 137).

Dadas estas questões, abordaremos o próximo capítulo dando prosseguimento à análise, crendo que a compreensão das metáforas é de vital importância para um entendimento claro das ideias de Jonathan Edwards.

4.0. UM ESTUDO DAS METÁFORAS EM SERMÕES DE JONATHAN EDWARDS

Ao estudar os escritos de Jonathan Edwards é possível ter um vislumbre de seus interesses e habilidades. No intuito de levar os homens a compreenderem, experimentarem e responderem ao evangelho bíblico, ele escrevia concomitantemente com uma erudição refinada e uma clareza deliberadamente simples e acessível a todos. Seus sermões eram esboçados segundo a tradição puritana, que incluía a exposição do texto bíblico escolhido, a apresentação da doutrina e a aplicação pessoal (FERREIRA, 2014; MARDSEN, 2003; NICHOLS, 2011; PACKER, 1996).

A linguagem utilizada por Edwards é permeada de metáforas que serviam para criar imagens mais vívidas a respeito daquilo que ele proferia, além de aproximar uma realidade espiritual a seres humanos. Esta justaposição é perfeitamente notável na antologia de dezesseis sermões nomeada de *Charity and its fruits (Caridade e seus frutos)*, um cuidadoso trabalho exegético que combina o fervor puritano com o tom devocional tão característico de Edwards. Apesar de ser muito pouco difundida, é considerada por Strobel (2012 apud MADUREIRA, 2015¹⁴) como sendo:

uma das portas de entrada para a teologia de Edwards. Enquanto obras como *Afeições Religiosas e Pecadores nas mãos de um Deus irado* têm definido Edwards, *Caridade e seus frutos* é uma verdadeira obra de tapeçaria tramada em torno das várias percepções espirituais, teológicas e exegéticas de Edwards, o que possibilita aos leitores um quadro muito mais vasto do seu pensamento.

Esta série de sermões baseada em 1 Coríntios 13, texto do apóstolo Paulo sobre o verdadeiro amor cristão, pregada em Northampton, MA, entre abril e outubro de 1738 e apenas publicada postumamente, mostra a preocupação de Edwards enquanto pastor de uma igreja que já experimentara o avivamento, mas cujo fervor parecia ter fenecido. Ele estava conclamando o povo para ser conhecido pelos seus bons frutos, isto é, pelas atitudes virtuosas que eles exerciam, sendo o amor a principal delas, e a responsável para que todas as outras viessem a existir (CAMPOS JR, 2015¹⁵).

Para este estudo, escolhemos cinco dos dezesseis sermões que compõem esta antologia, a saber, o primeiro, o décimo primeiro, o décimo terceiro, o décimo

¹⁴ “Introdução”, in EDWARDS, J. *Caridade e seus frutos: Um estudo sobre o amor em 1 Coríntios 13*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

¹⁵ “Prefácio”, in EDWARDS, J. *Caridade e seus frutos: Um estudo sobre o amor em 1 Coríntios 13*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.

quarto e o décimo sexto, intitulados respectivamente por *Caridade ou amor, a suma de toda virtude; Toda graça genuinamente cristã no coração tende a uma prática de vida santa; Todas as graças do cristianismo estão conectadas; A caridade, ou a verdadeira graça, não será destruída pela oposição; e O céu: universo de caridade ou amor.*

A escolha destes sermões se deu porque estes, através dos aspectos linguísticos utilizados, nos parecem trazer as ideias de Edwards de uma maneira mais abrangente e ao mesmo tempo sintetizada, mostrando que o amor é a coisa mais essencial na vida cristã; que desse amor cristão fluem todas as outras boas disposições e bons comportamentos, o que distingue o moralismo do cristianismo; e que este amor é o mais durável dos dons, e será o único que permanecerá quando a igreja experimentar a redenção.

Daqui em diante, seguiremos nossa análise na tentativa de mostrar como, e até que ponto, as metáforas foram utilizadas nos sermões de Jonathan Edwards. Para isso, partiremos do pressuposto de que as expressões metafóricas destacadas são instancias linguísticas diretas de transferências conceituais pré-existentes entre domínios conceituais, e dizem respeito ao processo de reconhecimento inconsciente da linguagem metafórica, como sugerido por Lakoff e Johnson (apud MEDINA,2007; SARDINHA,2007).

Como apontado no capítulo anterior, a metáfora ocorre no âmbito linguístico ao ser promovida por uma relação entre palavras (CITELLI, 2007; GRIFFITHS, 2006; POLONI e BERND, 2010; SARDINHA,2007). Porém, para o seu entendimento, é necessária uma interpretação por parte do receptor (RICOEUR,1983 apud POLONI e BERND, 2010) o que nos leva aos estudos metafóricos cognitivos (LAKOFF e JOHNSON, 1980 apud SARDINHA, 2007). Desta forma, temos na literatura uma combinação de duas características: ocorrência linguística e interpretação, possibilitando a polissemia. A polissemia sistemática, além de ser uma característica basicamente fundamental da obra literária, atesta a validade da metáfora conceitual, no sentido de que há campos lexicais inteiros que apresentam palavras que têm um sentido num domínio concreto e têm, também, sistematicamente, sentidos correlacionados em domínios abstratos (RICOEUR,1983 apud POLONI e BERND, 2010).

Não trataremos aqui desse tipo de polissemia, mas partiremos de um item lexical polissêmico para mostrar como a nossa experiência com o domínio conceitual mais concreto abordado por Edwards estrutura a nossa compreensão de um domínio

conceitual mais abstrato no texto. Essa análise será feita separadamente a cada sermão que, além da análise metafórica, trará um resumo de seu conteúdo.

- MENSAGEM 1- CARIDADE OU AMOR, A SUMA DE TODA VIRTUDE

Edwards começa sua obra definindo o termo *caridade*, traduzindo-o por *amor*, dizendo que esta é a virtude mais enfatizada por Cristo e Seus apóstolos, e que, como explícito no título do sermão, todas as outras virtudes estão sumarizadas no amor cristão. Ele salienta que este amor cristão é diferente do amor do homem natural porque não se trata de um mero moralismo, mas provém de uma disposição divina que influencia o coração. Tal disposição é resultado de uma obra do Espírito Santo que acontece com a conversão e produz regeneração. Edwards diz ainda que o amor cristão é o resumo dos dez mandamentos, tanto na primeira tábua, que se refere ao amor dirigido a Deus, quanto na sua segunda tábua, que se refere ao amor dirigido ao próximo. O amor, portanto, é a marca distintiva de uma fé genuína e prática. Após enumerar como esta fé se manifesta, Edwards finaliza este primeiro sermão, exortando que os verdadeiros cristãos devem abundar em obras de amor.

As metáforas deste sermão foram divididas em três categorias:

CATEGORIA 1 – Metáforas e projeções sobre Deus e seu Espírito

“O Senhor Deus é um ser incorpóreo; um espírito puríssimo, e, portanto, invisível, sem corpo, membros ou paixões. Ele não tem forma física mensurável. É esse o ensino das Escrituras.” Esta é a definição a respeito da espiritualidade de Deus do teólogo Paulo Anglada (2007, p.59), o que justifica as associações de Edwards em suas declarações a respeito do próprio Deus, do Espírito de Deus e da natureza do Espírito Santo como sendo Amor. Ele está falando de um só ser. Em suas próprias palavras: “O Espírito de Deus é o Espírito de amor”; “A natureza do Espírito Santo é amor”; “Deus é amor”.

Assim como um espírito, o amor é invisível, não tem membros, não pode ser tocado, mensurado ou visto. Do contrário, pode apenas ser sentido. Também é interessante a semelhança com o fato de ambos, amor e espírito, não compartilharem de paixão. Ao passo que esta é devastadora e insana, o amor é tranquilo e sábio. Além disso, a partir do momento em que Edwards admite que Deus e todo o Seu Ser e

essência são o próprio Amor, ele está, em outras palavras, afirmando não apenas o atributo do amor de Deus, mas também atributos como o da Eternidade, pois o sermão pregado é, como já mencionado, baseado em 1 Coríntios 13, e o versículo 8 diz “o amor jamais acaba”. Sendo assim, Deus também não, pois “O Espírito de Deus é um Espírito de Amor”. Este é um modelo de metáfora conceptual estrutural, por ser composto por dois mapeamentos complexos: Deus é amor.

Além do amor, outra metáfora conceptual sobre a pessoa de Deus enunciada por Edwards é: “Deus é sua insondável fonte de alegria”. No contexto desta frase, o pronome possessivo “sua” se refere aos crentes regenerados, ou seja, Deus é a insondável fonte de alegria de Seus filhos. Uma fonte é um lugar onde podemos ir e obter água para saciar nossa sede – uma necessidade fisiológica do ser humano. Se Deus é fonte, subentende-se, portanto, que nele seus filhos podem ter as necessidades saciadas, neste caso, a necessidade emocional de saciar o espírito e a alma por meio da alegria.

Outro aspecto lexical a ser observado, é o adjetivo “insondável”, que sugere que não se trata de qualquer fonte, mas de uma especial, cujo mistério (da alegria) não pode ser compreendido. No entanto, explica o fato de, mesmo quando estão enfrentando os mais severos problemas da vida, como perseguição, censura, sofrimento e até morte, a alegria indescritível encontrada na pessoa de Deus produz esperança e força aos cristãos para enfrentarem o sofrimento em nome da sua fé, a exemplo dos puritanos, durante a perseguição na Inglaterra no século XVI.

CATEGORIA 2 – Metáforas e projeções sobre o amor

De acordo com o Dicionário Avançado Oxford (HORNBY, 2005, p.913 – Tradução Minha¹⁶), a palavra amor pode também ser definida como um forte sentimento de profunda afeição por algo ou alguém. A partir do sentido desse item lexical, podemos perceber aspectos da projeção de um domínio conceitual em termos de outro, visto que o amor está relacionado diretamente com o caráter divino, fazendo parte de sua essência. Deus ama a si mesmo, ao Seu Filho e as Suas criaturas. É através do amor que Ele manifesta sua longanimidade, misericórdia e graça. O que justifica as afirmações de Edwards sobre o amor ser a suma de todas as virtudes, pois Deus é amor, como explicitado na categoria um desta análise, e, portanto, o amor está em Deus.

¹⁶ “Love: 1– A strong feeling of deep affection for sb/sth” (HORNBY, 2005, p.913).

As metáforas utilizadas por Edwards para conceptualizar o amor são:

1. Metáforas Estruturais

No texto, somos levados o tempo todo a perceber o amor como afeição divina gerada no coração do homem regenerado, capacitando-o a amar e, por consequência, desenvolver outras características, como a bondade, a humildade, a mansidão, a misericórdia, entre outras. Essas características são chamadas por Jonathan Edwards de virtudes. Primeiro ele conceptualiza o amor em termos de uma raiz dizendo: “O amor [...] é a raiz de todas as virtudes”, o que nos sugere que o amor é a base para que todas as outras características se desenvolvam. Se o amor não for uma raiz profunda e bem fixada, todas as outras virtudes estarão suscetíveis a não se desenvolverem com eficácia. Com esta metáfora, Edwards faz um prenúncio do que continuará metaforizando durante todos os dezesseis sermões, que é a vida cristã à semelhança de uma árvore.

Ainda neste texto, voltamos a nos deparar com a metáfora da fonte. No entanto, desta vez, o amor aparece como domínio-alvo, pois, como o nome propõe, é o alvo da conceitualização: “O amor [...] é a fonte de todas as virtudes”. Nesta frase, entendemos que a partir do amor jorram todas as demais virtudes. Ele é o canal para que elas possam ser manifestadas. A conotação trazida nesta metáfora é interessante, pois como já mencionado, o que jorra da fonte é água, um elemento vital para a sobrevivência humana. Deste modo, as virtudes a que Edwards se refere são tão importantes quanto o amor, pois são vitais, e é somente através deste amor que podemos obtê-las.

Outro domínio-alvo para o domínio-fonte “amor” é “ingrediente, quando Edwards enuncia: “O verdadeiro amor é um ingrediente da fé”. Esta metáfora nos dá a ideia de que a fé é feita também de amor, como se este fosse um componente para que a fé possa existir. No entanto, não é qualquer tipo de amor que pode ser usado nesta receita, mas apenas o verdadeiro. O próprio sermão traz a explicação do que vem a ser um amor verdadeiro, que difere de um amor meramente moralista, pois é legitimado por ser uma disposição divina gerada no coração do homem. Só é possível amar porque Deus nos amou primeiro.

Edwards traz ainda a ideia do domínio fonte “amor” mapeando os domínios alvos “luz” e “glória”, que permitem os desdobramentos “Deus é luz” e “Deus é glória”,

pois como já argumentado, Ele é o próprio amor. Deste modo, a metáfora estrutural “O amor é a luz e glória que circundam o trono em que Deus se acha sentado”, é justificada pelo próprio sermão, significando que o que se acha rodeado no trono de Deus é um reflexo dele mesmo. Além disso, podemos considerar que sendo “Deus é luz”, podemos interpretar que assim como a luz, Deus não tem princípio nem fim, portanto, Ele não pode experimentar mudança. Ele é eternamente o "... Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17).

2. Metáforas de Personificação

É muito importante observar como Jonathan Edwards consegue, através do discurso, atribuir ontologias em que as entidades especificadas nas metáforas são personificadas. Ele repete por três vezes apenas neste sermão que “O amor é a vida da fé” e por quatro, que é sua alma, variando apenas ao dizer que esta vida e alma é de uma fé prática, legítima ou genuína. Em outra metáfora ele diz “ “O amor é a própria vida e espírito da fé”. Estas questões fazem do amor tão essencial para a fé, assim como os sinais vitais são para o corpo. Sendo o amor a própria vida da fé, sem ele, ela está fadada a sepultura. Edwards torna a ressaltar: “O amor é o espírito operante e ativo em toda a verdadeira fé”. Essa repetição funciona como um recurso retórico que enfatiza determinadas questões que o interlocutor quer que fiquem bem claras para o público alvo. Ela tem uma função totalmente doutrinária, e atinge os objetivos da pregação de um sermão.

3. Expressões Metafóricas

Ao enunciar “O amor [...] procede do mesmo fluxo e fonte no coração, ainda que corra em diferentes canais e diversas direções”, Edwards estava expressando a manifestação de uma metáfora conceptual. Neste caso, ele sugere ao leitor que o coração é um rio cujas águas são o próprio amor, que uma vez gerado no coração do homem, pode fluir em direção a Deus ou a qualquer um dos semelhantes. Assim como nada é empecilho para o curso da água, que quando encontra uma barreira simplesmente desvia dela e prossegue seu rumo, assim é um coração cheio de amor. Ele não se detém a nada, mas transborda de amor porque este é todo o seu conteúdo. Edwards continua: “Se seu coração está cheio de amor, ele achará maneiras para expressar seu amor em ações. Quando uma fonte é rica em água, ela jorrará correntes de água. ”

Ao encerrar o sermão, Edwards faz uma petição através da seguinte expressão metafórica: “Que o Senhor lhe dê entendimento em todas as coisas, e o torne sensível sobre o espírito que você deve cultivar”. Com este enunciado, ele licencia uma metáfora conceptual para “amor é semente”, ao usar o termo cultivar, o que nos remete a ideia de “amor é raiz” já mencionada no sermão. Dá-nos a ideia também de que precisamos semear, cuidar, regar, e ter todos os cuidados necessários para que a planta amor possa crescer saudável e dar os frutos da virtude que Edwards aborda nos sermões subsequentes.

CATEGORIA 3 – Metáforas e projeções sobre a fé

Edwards conceptualiza o domínio fonte “fé prática” em termos de dois domínios-alvo diferentes, que são “luz” e “calor” e depois ele mesmo troca o domínio fonte “calor” por “amor”. Ele diz: “A fé realmente prática ou salvífica é, concomitantemente, luz e calor; ou melhor, luz e amor, enquanto a que não passa de uma fé especulativa, também não passa de luz sem calor. ” Nesse sentido, Edwards propicia a interpretação de que a fé prática é a junção do conhecimento, representado pela “luz”, com o fervor, representado por “calor”. A troca de “calor” por “amor”, pode ser justificada pelo fato de que a metáfora estrutural “A fé prática é calor” sugere que existe a possibilidade de um esfriamento da fé, ao contrário do amor, que uma vez estabelecido mediante a fé em Cristo, “tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba. ” (1 Coríntios 13:7-8).

- **MENSAGEM 11 – TODA GRAÇA GENUINAMENTE CRISTÃ NO CORAÇÃO TENDE A UMA PRÁTICA SANTA NA VIDA**

Este sermão trata sobre boas práticas, virtuosas e santas, isto é, verdadeiros atos de justiça e humildade como resultado do amor cristão, visto que o próprio Deus é a fonte deste amor. Edwards enfatiza que quando um homem é regenerado, ele recebe uma graça em seu coração que tende a influenciar e governar todo o seu modo de vida. Se isso não acontecer, a conversão não foi genuína e por consequência não há recebimento da graça redentora de Cristo. Ele explica que essa graça é a causa que torna possível uma vida de santidade, e suas evidências principais são o temor e obediência a Deus, o afastamento do pecado, o espírito de mansidão, de humildade, de oração, de renúncia, de autonegação, do andar e do comportamento celestiais. Desta forma,

Edwards situa a atuação da graça na vontade humana, para afirmar que, uma vez que essa vontade é influenciada pela graça divina, ela tende a práticas santas.

As metáforas deste sermão foram divididas em seis categorias:

CATEGORIA 1 – Metáforas e projeções sobre a prática santa

Para Edwards, a prática santa é um objetivo a ser alcançado, e ele demonstra isso através das metáforas “A prática santa é a meta” e “A prática santa é o escopo e alvo”. Estas são metáforas estruturais formadas por mapeamentos entre santos e desígnios, cristãos regenerados e céu, conversão e vida santa, entre outras várias possibilidades que residem primariamente no pensamento do receptor da mensagem, que também tem um sistema metafórico em sua mente, o que proporciona sua interpretação e estabelece uma conexão de sentido entre os domínios.

Edwards também diz que “a prática cristã é a grande tarefa” em que o cristão se acha engajado, “justamente como a corrida era a grande tarefa dos corredores”. Esta sentença possui muita significação. Primeiro, porque a metáfora da “grande tarefa” passa a ideia de algo muito importante que está sendo feito e não se pode perder tempo com outra coisa, pois se está engajado nela como um atleta que está em treinamento. Dito isto, Edwards traz à tona uma comparação explícita através do uso da conjunção “como”, o que pode ser que, para alguns, haja a perda de toda a significação metafórica, todavia, conforme apontado por Bechara (2009), a metáfora não é resultado de uma comparação implícita; doutra sorte, a comparação é que é uma metáfora explicitada.

Portanto, consideramos “corrida” e “corredores” como mapeamentos dos domínios metafóricos “prática cristã”, “cristãos” e “grande tarefa”. Além disso, acreditamos que Edwards pode ter, neste ponto do sermão, estabelecido uma relação com o texto do apóstolo Paulo aos coríntios, no livro de 1 Coríntios 9.24-25, que já metaforizava a respeito da prática santa, do alvo do cristão e da corrida ao dizer: “Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível”.

Do mesmo modo ocorre na frase: “Como a atividade do soldado é lutar, assim a atividade do Cristão é assemelhar-se a Cristo”. Há uma metáfora explicitada, que pode ser expressada como “O cristão é um soldado.” Metáfora também utilizada pelo apóstolo Paulo quando escreveu a Timóteo em II Timóteo 2:3,4: “Tu pois, sofre as

aflições, como bom soldado de Jesus Cristo. Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra. ”

Edwards sustenta ainda que toda graça cristã tende ao viver prático, porque a vontade é a faculdade que comanda as ações e práticas do homem. Para ilustrar isso ele utiliza metáforas conceptuais estruturais como: “a vontade é a fonte da prática”; e expressões metafóricas do gênero: “se um genuíno princípio de graça está sediado nesta faculdade”. No caso específico desta expressão, a faculdade da vontade é comparada a um ambiente, e o princípio da graça a um morador que pode sediar-lo.

No decorrer do sermão, Edwards confronta o leitor com as seguintes perguntas: “Você é sensível a beleza e deleite dos caminhos da prática santa? ”; “Você percebe a beleza da santidade e a afabilidade dos caminhos de Deus e de Cristo? ”; e “Você nutre fome e sede por uma prática santa? ”. Todas essas questões podem ser classificadas como expressões metafóricas sinestésicas, isto é, conjuntos linguísticos contendo metáforas implícitas que relacionam planos sensoriais diferentes. No caso, sentir a beleza dos caminhos, sugere que os caminhos são belos; perceber a beleza da santidade, sugere que a santidade é bela; perceber a afabilidade dos caminhos de Deus, sugere que os caminhos de Deus são afáveis; ou ainda nutrir fome e sede por uma prática, sugere que a prática é vital, ou que a prática é nutritiva. Este é um recurso retórico muito comum em Edwards, e distingue sua obra tornando-a poeticamente singular.

CATEGORIA 2 – Metáforas e projeções sobre os mandamentos

Na perspectiva Edwardiana, somente quem conhece a Deus entende porque deve obedecê-lo. Desta feita, Edwards volta a criar a imagem da árvore que gera frutos, e metaforiza dizendo que “a guarda dos mandamentos de Cristo é um fruto infalível de nossos conhecimentos dele”, gerando o mapeamento de uma substância necessária para que a árvore produza o fruto da guarda dos mandamentos, em termos do conhecimento de Cristo. Ainda para esta metáfora estrutural, Edwards lança uma outra metáfora, também estrutural, baseada no texto de Romanos 13:10, mas que funciona como mapeamento dos domínios “guarda dos mandamentos” e “ frutos”, visto que ele enuncia que “ o cumprimento da lei é o amor”.

CATEGORIA 3 – Metáforas e projeções sobre a graça

Uma das preocupações de Edwards é distinguir comportamentos forçados e travestidos de falsidade e moralismo medíocre da genuína prática cristã. Para isso, ele faz uma analogia digna de ser analisada, quando expressa seu pensamento metafóricamente ao dizer: “Aquilo que é apenas uma aparência ou imagem da graça, ainda que se assemelhe com a graça, não é eficaz, porquanto carece de realidade e substância.” Aqui, o mapeamento cognitivo do domínio origem para o domínio alvo entre os domínios, funciona como expressões metafóricas que estão subjacentes à expressão linguística. Ao dizer que a graça carece de substância, Edwards sugere que ela é resultado da mistura de ingredientes que a compõem, ou seja, a “prática cristã”.

CATEGORIA 4 – Metáforas e projeções sobre o amor

Ao falar sobre amor, Edwards se utiliza de metáforas de personificação quando atribui ao amor características ontológicas, como nas citações dos versículos mencionados pelo apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13: “o amor não pratica o mal”, e “a caridade não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade”. Além disso, ele também usa duas metáforas estruturais ao dizer: “Amor é um princípio ativo” e, mais uma vez, cumprindo seu propósito doutrinário ele repete: “o cumprimento da lei é o amor”.

CATEGORIA 5 – Metáforas e projeções sobre Deus

Obviamente, muito se discursa a respeito de Deus em todas as obras de Jonathan Edwards, inclusive em *Caridade e seus frutos*. No entanto, neste décimo primeiro sermão, ele se refere ao seu Senhor de maneira metafórica apenas uma vez através da expressão “Autor da felicidade”, que é constituída pelos domínios “Deus é escritor”. Esta expressão resume muito do pensamento edwardiano que sustenta que toda a verdadeira alegria provém de Deus, porque ele em si é a própria alegria, e se alegra em ser Ele mesmo. Isto é, sendo Deus bendito, puro e santo, Ele se deleita plenamente consigo mesmo e com tudo o que reflete o seu caráter (GRUDEM, 2009). Desse modo, de acordo com a expressão metafórica de Edwards, a felicidade existe porque é escrita na pessoa de Deus.

CATEGORIA 6 – Metáforas e projeções sobre a esperança

Edwards traz a questão da esperança em termos metafóricos conceptuais estruturais. Ele se refere a esta como sendo “fruto da misericórdia de Deus”, levando-

nos a pensar novamente na árvore do cristianismo. Este fruto, porém, é nutrido pela mercê divina. Outro domínio-alvo para o domínio-fonte “esperança” é “fonte”. Nesta mesma frase ele inclui outras duas metáforas ao dizer que “a esperança é a fonte imediata de toda a esperança graciosa, que é a fé em Cristo, e essa fé é sempre operante, e opera por meio do amor, purifica o coração e produz frutos santos na vida”. Primeiro, uma metáfora de personificação, que atribui a fé o ato de operar, purificar corações ou produzir frutos, e depois, uma expressão metafórica subjacente a expressão linguística “produz frutos santos”.

- MENSAGEM 13 – TODAS AS GRAÇAS DO CRISTIANISMO ESTÃO CONECTADAS

Este sermão é baseado na primeira parte do versículo 7 do texto de 1 Coríntios 13, que diz “O amor tudo crê, tudo espera”. Edwards, por sua vez, empenha-se por expor o texto argumentando que o amor não age em dissonância com outras graças. Do contrário, o amor promove e agencia o exercício de todas elas, em especial a fé e a esperança. Elas estão interconectadas pois dependem uma das outras, tendo em vista que são oriundas da mesma obra do Espírito. Além disso, todas repousam no mesmo fundamento, de modo que são regidas pela mesma lei e têm a mesma finalidade, a saber, Deus e sua glória, bem como a felicidade dos seus filhos nele.

As metáforas deste sermão estão inseridas em apenas uma categoria:

CATEGORIA 1 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE AS GRAÇAS DO ESPÍRITO

As metáforas utilizadas por Edwards para conceptualizar a graça neste sermão são:

1. Metáforas estruturais

Edwards metaforiza estruturalmente mapeamentos entre graça e reflexo, enunciando “Graça na alma é um reflexo da glória de Cristo”. Fica implícito então que há um espelho, pois se a graça reflete algo, certamente é uma imagem, a saber, a imagem da glória de Cristo. Isso sugere ainda que o espelho é a vida cristã prática pois, se o cristão for regenerado receberá a graça de Deus que estimulará o seu conhecimento de Deus e a afeição pelo que Deus ama, influenciando todas as suas ações. Lançar mão

deste recurso estilístico contribuiu para que Edwards viesse a expressar suas ideias de maneira inteligível.

Temos ainda que “todas elas são membros do indivíduo após a conversão”. No contexto, “elas” se refere às graças cristãs. Esta metáfora é explicada pelas expressões metafóricas “Novo nascimento”, “Nova criatura” e “Nova criação em Cristo Jesus”, que serão explicadas mais adiante. De todo modo, fica claro que o mapeamento implícito pelo domínio-alvo “membros” pode ser “mãos”, “braços”, “pés”, “pernas”, criando novas estruturas mentais como “com a graça é possível caminhar”, no sentido de andar nos caminhos de Deus, ou ainda “com a graça é possível realizar boas ações”, como doar, cuidar de pessoas, entre outras coisas que, para fazê-las necessitamos dos nossos membros, assim, as ações se externalizam através deles.

2. Expressões metafóricas

A representação metafórica da árvore é retomada quando Edwards se refere às graças do Espírito como um fruto, em suas próprias palavras, “fruto da caridade”. Lançando mão da mesma representação, ele ilustra que “todas as graças cristãs têm a mesma raiz” e depois se refere às graças cristãs como “diferentes ramos”. Ao interpretarmos ambas as expressões, elas nos sugerem que apesar de serem mais de uma graça, elas consistem em apenas um fundamento, o que permite a metáfora dos ramos para o domínio-fonte “graças”, mas que pode facilmente ser mapeado por “amor”, “fé”, “santidade”, “humildade”, “paciência”, entre outros; bem como permite a metáfora da raiz para a significação do domínio-fonte que expressa o embasamento das graças, sua sustentabilidade e solidez.

Sobre a procedência das graças Edwards diz: “todas as graças procedem da mesma fonte” e “todas as graças do Espírito procedem do mesmo Espírito”. Estas expressões admitem os mapeamentos dos domínios “A graça é água” e “O Espírito é fonte”, permitindo a interpretação de que a manifestação das graças é essencial para uma vida espiritual, e que essa manifestação só ocorre quando o Espírito Santo delibera algo que lhe é inerente. As graças brotam dele porque elas estão nele, e todo comportamento genuinamente cristão é um compartilhamento destas graças.

Outra expressão metafórica utilizada por Edwards, mas que é puramente bíblica, é a dos domínios alvo “luz” e “trevas”. Consideremos os seguintes textos: “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma. ” (1 João 1:5); “Disse Jesus: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andaré em trevas, mas terá a luz da vida. ” (João

8:12); e “O meu Deus transforma em luz as minhas trevas.” (Salmos 18:28). Tais textos justificam o discurso de Edwards que ao dizer: “quando alguém se converte, ou foge das trevas para a luz”, está formando mapeamentos como “Deus é luz”, “Deus é Santo”, “Deus é puro”, “Jesus é vida eterna”, “Pecado é Treva”, “Pecado é escuridão eterna”, “O céu é luz”, entre outros.

A metáfora neste caso, ilustra a história bíblica de que o pecado, que afasta o homem de Deus, entrou no mundo desde os tempos de Adão e agora só há um jeito de alcançar a “luz”, a saber, a vida eterna, que é através do arrependimento e confissão dos pecados, que podem ser perdoados mediante o sacrifício de Cristo na cruz.¹⁷ Tendo discursado acerca da conversão, Edwards fala então do estado do homem quando se converte que se torna uma “Nova criatura” ou “Nova criação em Jesus Cristo”, já que ao se converter, há o abandono do antigo estilo de vida, que antes era influenciado pelo pecado, mas agora é regido pelo Espírito de Deus, como uma forma de compartilhamento das graças. Essa interpretação sugere a metáfora conceptual “Converter-se é morrer”, o que significa abdicar as próprias vontades em nome da vontade de Deus, ou “Converter-se é nascer de novo”, no sentido de que todas as atitudes agora serão novas, e os pecados esquecidos.

A esse respeito, Edwards diz: “Quando o novo homem se veste, o velho homem se despe, assim, o homem em certo sentido, se torna plenamente novo”. A metáfora subjacente a esta expressão é referente ao domínio “roupas”, que pode ser usado em termos de “atitudes santas”, no sentido de que quando há regeneração, há uma mudança completa na vida do homem. “Velhos trajes” podem ser mapeados por “Vida pecaminosa”, que é “despida” ou deixada em prol da caminhada cristã. Estes mapeamentos sugerem os domínios “Santidade é vida nova”, “Vida nova é roupa nova”, “Pecado é trapo”, entre outros.

3. Metáforas explícitas em comparações

Seis metáforas explícitas podem ser destacadas neste décimo terceiro sermão. A primeira, diz respeito ao fato que graças do Espírito não podem ser separadas, pois há uma relação de interdependência entre elas. Todas procedem igualmente do mesmo lugar (Deus), na mesma intensidade. Se não há uma, na verdade não há nenhuma. A metáfora que estrutura esta comparação é “Graça é corrente”, mas,

¹⁷ Pois Deus, que disse: "Das trevas resplandeça a luz", ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2 CORÍNTIOS 4:6).

provavelmente no intuito de deixar esta informação mais clara para seus ouvintes/leitores, Edwards enuncia explicitamente: “As graças do cristianismo estão todas interligadas, e unidas umas nas outras e dentro das outras, como os elos de uma corrente [...] se um elo partir-se, todos caem por terra, e o todo cessa de ter qualquer efeito”.

A segunda metáfora explícita, que pode ser estruturada conceptualmente através dos domínios “Graças são Raios de Luz”, justifica a procedência das graças e a intensidade com que, apesar de serem interligadas, elas se manifestam. Nas palavras do próprio Edwards: “todas as graças são apenas diferentes meios de agir da parte da mesma natureza santa, como pode haver diferentes reflexos da luz do sol, e, no entanto, todos eles originam o mesmo tipo de luz, porque todos provêm da mesma fonte ou corpo de luz”. A esse respeito, Edwards lança mão da terceira metáfora explícita que retoma a proposta da metáfora estrutural “Deus é fonte” e introduz a metáfora “Graça é corrente de água”, e diz: “Como se dá com a natureza na fonte, assim neste assunto tudo constitui uma e a mesma natureza santa, só diversificada pela variedade de corrente enviada dela”.

A ênfase do discurso através de elementos retóricos de repetição de termos metafóricos é percebida quando Edwards expõe: “Como todas elas provêm do mesmo manancial, nascendo da mesma fonte”, e embora mude a metáfora, trocando os domínios-alvo de “fonte” para “raiz”, ainda assim não abre mão das figuras de linguagem, nem tampouco do aspecto da repetição, visto que há um retorno para a ideologia da árvore quando ilustra “ e todas elas repousam no mesmo fundamento, crescendo da mesma raiz”. Edwards então, finaliza sua ideia explicando a finalidade das graças divinas com mais uma metáfora e enuncia: “sendo todas dirigidas pela mesma norma, a lei de Deus; assim todas elas são direcionadas ao mesmo fim, a saber, Deus e sua glória”. Como o verbo “dirigir” no presente contexto tem o sinônimo de “conduzir”, a leitura permite um mapeamento entre os domínios “Deus é condutor”.

Edwards segue sua pregação reforçando a ideia de que aqueles que esperam ter graça em seus corações, podem experimentar uma graça mediante a outra já que todas elas andam juntas. Segundo ele, se alguém crê que possui esta fé, e, pela fé, crê que já foi a Cristo, então deve perguntar-se se esta fé foi acompanhada de arrependimento, com um espírito quebrantado diante de Cristo em razão da própria vileza e indignidade devido ao pecado, ou se foi com um espírito hipócrita, tomando alento em sua própria bondade pessoal. Ele exorta as pessoas a examinarem a si

mesmas, e propõe vários tópicos que servem como ponto de partida para o autoexame. Ao final do sermão, ele expõe que, ao se auto examinarem, os cristãos devem refletir a respeito de seu amor para com Deus mediante o amor para com o povo de Deus, e vice-versa.

Para Edwards, é paradoxal alguém dizer que existe alguma boa disposição para com Deus se, ao mesmo tempo, há uma destituição das disposições cristãs para com os semelhantes. Da mesma forma, também é inconcebível que haja uma aparência de bondade, justiça e generosidade para com os homens se há ausência de sentimento correto para com Deus. A partir destas ideias, Edwards se baseia no texto bíblico de Oséias 7:8, e traz os domínios fonte “homem” e alvo “pão”, através da metáfora explícita em forma de comparação “Como um pão que não foi virado”, e ele mesmo segue explicando suas escolhas linguísticas: “que geralmente se queima de um lado e fica cru do outro; portanto, em ambos os lados, bom para nada”.

- MENSAGEM 14 – A CARIDADE, OU A VERDADEIRA GRAÇA, NÃO SERÁ DESTRUIDA PELA OPOSIÇÃO

Deste sermão em diante, Edwards canaliza seu discurso para falar sobre o amor na perspectiva da eternidade, refletindo seu entendimento sobre a história da redenção mais do que em todo o restante da obra. Seguindo o que é proposto no título, ele defende que o amor não será destruído por nada que possa lhe fazer oposição, pois este amor é uma graça verdadeira, sustentada pelo próprio Deus, que a faz perseverante. Seja o que for que a assalte, mesmo assim permanece e suporta e não cessa, mas tolera com constância, fé e paciência, a despeito de tudo. A perseverança inclusive, é um dos sinais que distingue o amor genuíno da falsa graça, pois esta última é superficial. Edwards conclui reiterando a promessa bíblica de que O Senhor Deus é todo poderoso e é auxílio bem presente, portanto, seus filhos podem descansar serenamente nele, certos de que o Céu é uma realidade que se aproxima.

As metáforas deste sermão estão inseridas em três categorias:

CATEGORIA 1 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE O CRISTÃO

Através das metáforas é possível conectar domínios semânticos previamente não-relacionados, cuja nova conexão metafórica tem poder cognitivo e explanatório, o

que nos permite estruturar (ou reestruturar) um dos domínios semânticos em termos de outro, compreendendo-o de um novo modo (MEDINA,2007). Nesse sentido, Edwards promove a conexão entre os mapeamentos “cristão” e “viajante”, estruturando que “o filho de Deus [...] é um peregrino e estrangeiro”. Metaforizar desta maneira implica dizer que, embora viva neste mundo, o cristão possui uma outra pátria, o Céu, e está caminhando para lá. Ao escrever aos Filipenses, o apóstolo Paulo diz: “A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (FILIPENSES3:20-21). Assim, esta ideia não é exclusiva de Edwards, mas é primariamente bíblica e cristã, e pertence a “um dos principais temas da espiritualidade dos Puritanos” que consiste na “preparação da mente e do coração para a transição deste mundo até à imediata presença de Deus” (PACKER,1996, p. 231).

Edwards comenta: “O cristão, enquanto permanece neste mundo, é representado como vivendo em condição de guerra, e sua ocupação é a do soldado, visto que ele é sempre referido como um soldado da cruz e como alguém cujo grande dever é lutar varonilmente o bom combate da fé”. Nesta frase, a metáfora é constituída pelos domínios fonte “cristão” e alvo “soldado”, permitindo a compreensão de que o cristão está sempre lutando em defesa do Evangelho (FILIPENSES 1:17), e contra os ataques que tentam afastar-lhes da vereda do dever.

Edwards metaforiza sobre o cristão através do mapeamento “Igreja”, e conceptualizando-a como “coluna de Deus”, possibilitando a interpretação de que a Igreja é o sustentáculo do Evangelho na terra, pois está firmada no que, com base bíblica, é enunciado mais à frente como “a rocha de Salvação”, a saber, Deus. Se alguém não está firmado na “rocha”, não pode ser “coluna”, e, portanto, não experimentou da genuína conversão. Sobre pessoas que se encontram no estado de conversão aparente, Edwards metaforiza explicitamente dizendo que estas “assemelham-se à promessa das flores nas árvores na primavera ou no início do outono, muitas das quais caem sem que jamais produzam fruto. ” Este contraste permite a interpretação de que a coluna é firme, fundamentada e feita de concreto, o que sugere que se trata de algo que o verme nem o tempo corroem. Ao contrário da flor, que é efêmera, frágil, e passível de murchar, além de que, quando não produz fruto, não cumpre o papel que lhe é incumbido.

CATEGORIA 2 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE A GRAÇA

Segundo Edwards, muitos são os poderosos e violentos assaltos que os inimigos da graça promovem contra ela. Baseado nisso, ele discursa três metáforas explícitas em que a primeira, mapeia os domínios “A graça é fogo” e “A oposição é uma onda furiosa” dentro da comparação “a graça [...] é como uma fagulha de fogo tendo a encerrá-la imensos vagalhões e furiosas ondas, como se a tragassem e a extinguissem num instante”. Em seguida mapeia “A graça é um floco de neve” e “A oposição é um vulcão em erupção”. É interessante observar a semelhança da natureza destas duas metáforas, pois em ambas Edwards une dois elementos de caráter paradoxal na tentativa de mostrar quão terríveis podem ser as tribulações enfrentadas por um cristão, e muitas vezes a assolação é até mesmo além do que se possa suportar. Além disso, a graça e a oposição têm essências diferentes e contrastivas, do mesmo modo que “fogo” e “ondas” que permite o mapeamento de “água”, e de “floco de neve” e “vulcão em erupção”, que mapeia “rajadas de fogo”.

A terceira metáfora explícita é formada pela estruturação dos domínios “a graça é uma rica joia de ouro”, que permite os mapeamentos “A graça é valiosa”, “A graça é cara” e ainda a metáfora ontológica “A graça tem um alto preço”. Como toda peça de ouro, a graça também precisa ser purificada, e o fogo que mapeia “oposição” ou “as tribulações”, é um instrumento para que ela brilhe ainda mais, sem consumi-la, servindo como instrumento de santificação para o crente. Nas palavras do próprio Edwards: “a graça [...] é como uma rica joia de ouro no meio de uma fornalha ardente, cujo intenso calor fosse bastante para consumir tudo, com a exceção do ouro purificado, o qual é de tal natureza que não pode ser consumido pelo fogo”. Sendo assim, podemos inferir que este também é um processo de separação, isto é, apenas os cristãos que possuem a verdadeira graça recebida no ato da conversão resistem até o fim aos mais nebulosos intemperes, ao contrário dos demais, que com as perseguições e sofrimentos, são logo consumidos e abandonam a fé. Por isso, Edwards se utiliza da expressão metafórica “aqueles que possuem a verdadeira graça em seu coração estão de posse de uma joia inestimável” para mapear os domínios sobre “graça” e “joia”, e acrescentando a possibilidade interpretativa de “O cristão é rico” visto que “A graça é uma joia caríssima”.

Com esses exemplos, a impressão é que a graça jamais subsiste, pois, retomando a metáfora do floco de neve, este desmancha-se totalmente diante apenas de uma leve exposição ao calor, quem dirá se precisar rolar por um vulcão em erupção. No entanto, Edwards traz conforto aos corações dos seus ouvintes/leitores, afirmando-lhes

que “a verdadeira graça está no coração, como esteve com a arca sobre as águas”; que ela “permanece como permaneceu com o barco em que Cristo esteve quando prorrompeu uma forte tempestade”; que “o fogo é mantido vivo mesmo em meio aos dilúvios de água” e diz ainda que “assim como os portões do inferno nunca poderão prevalecer contra a igreja de Cristo, assim jamais poderão prevalecer contra a graça no coração do cristão”. Ele se utiliza de uma expressão metafórica para reiterar o seu discurso, conceptualizando os domínios “A graça é semente” de maneira subjacente a expressão linguística “A semente permanece e ninguém poderá arrancá-la. ”Ao contrário da falsa graça que “se assemelha a uma nuvem ou ao orvalho matutino”, isto é, que logo passa.

CATEGORIA 3 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE DEUS

Edwards expressa frequentemente a grandeza de Deus através de seus textos, e às vezes, se utiliza da metáfora como recurso estilístico para que seu discurso fique mais realista. Ao dizer “O Senhor, que cavalga as nuvens é seu auxílio”, e levando em consideração que “seu” neste caso se refere aos cristãos, conceptualizamos instantaneamente de maneira cognitiva a metáfora estrutural “O Senhor é cavaleiro”, mas não um tipo convencional. As nuvens parecem se referir a um carro de guerra no qual Deus vai para a batalha em favor dos seus filhos. Há vários textos na Bíblia que descrevem esta metáfora, a exemplo do Salmo 68:4, em que o salmista entoou: “Cantem a Deus, louvem o seu nome, exaltem aquele que cavalga sobre as nuvens”. Edwards continua a frase dizendo: “E põe todos os inimigos debaixo de seus pés”. Apesar desta fala parecer mapear os domínios “Deus é um corpo” ou “Deus é humano”, por ele estar sendo aqui descrito com características físicas, se assim fizéssemos, estaríamos contradizendo a doutrina na qual Edwards cria, além de interpretar a frase fora de seu contexto.

O que Edwards fez foi usar o mesmo recurso utilizado na linguagem bíblica, em que as manifestações de Deus ao homem são antropomórficas, contudo “Deus é invisível e não é constituído de matéria como nós” (ANGLADA, 2007, p.59). Deus é “o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver” (I Timóteo 6:16). Portanto, preferimos estabelecer o mapeamento “Deus é vencedor”, uma vez que, conforme enunciado, ele é forte o suficiente para destruir completamente qualquer oposição. Edwards finaliza a frase dizendo “de modo que poderão regozijar-se no Senhor e alegrar-se na rocha de sua

salvação.” O mapeamento desta expressão consiste na estruturação dos domínios “Deus é rocha”, assim, pode-se dizer que a alegria posta nele é indizivelmente firme e inacabável.

É importante ressaltar que, como informa Piper (2011, p. 27):

Afetos incandescentes por Deus, inflamados pela verdade bíblica clara e convincente, era o objetivo de Edwards na pregação e na vida, porque esse é o objetivo de Deus no universo. Isso é o coração da visão fascinada pela glória de Deus a respeito de todas as coisas que Edwards tinha.

De acordo com Piper (2012, p.17), Edwards descobriu e ensinou mais poderosamente do que muitos [puritanos] que a felicidade da criatura consiste em regozijar-se em Deus, através de quem Deus também é magnificado e exaltado” pois “a finalidade da criação é glorificar a Deus.” As declarações “Deleita-te no Senhor”, expressa pelo Rei Davi no Salmo 37:4, e “Alegrai-vos no Senhor”, expressa pelo Apóstolo Paulo em Filipenses 4:4, não tratam de uma sugestão secundária, mas de um chamado radical à busca da mais completa satisfação em tudo o que Deus promete ser para seus filhos através de Jesus. Edwards sabia, vivia e pregava isso.

Por fim, Edwards elucida: “O Capitão de sua salvação seguramente o conduzirá [...]”. Com esta frase, podemos estruturar os domínios “Deus é o Capitão” e “A vida do cristão é um barco conduzido por Deus”. Na continuação da frase, Edwards conceptualiza uma metáfora orientacional, isto é, que “envolve uma direção e é geral” (SARDINHA, 2007, p.34), ao dizer que Deus “[...] o conduzirá à vitória até o fim”. A vitória a que ele se refere é o próprio Céu, uma herança preparada para os filhos regenerados, quando forem vencidas de uma vez por todas o pecado e todas as forças que ele exerce, através da segunda vinda de Cristo. Apocalipse 21:3-4 diz: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.” O Céu é o tópico principal dos próximos sermões que foram pregados por Edwards, especificamente do que analisaremos a seguir.

- **MENSAGEM 16 – O CÉU: UNIVERSO DE CARIDADE OU AMOR**

Este sermão é uma exposição da promessa revelada em 1 Coríntios 13:8-10, sendo o que mais expressa a visão de Jonathan Edwards sobre o céu. Nele, Edwards não

poupou recursos para descrever o céu como universo de amor, como exposto no título. Segundo ele, lá é a morada de Deus, que, por ser a fonte de todo o amor santo e perfeito, inunda o céu e fluirá no coração de cada crente que habitar ali com ele. Tais cristãos serão os que, nesta vida, tiverem a semente do amor plantada no coração através da obra da regeneração. Ao final do sermão, há uma advertência de que em contraposição ao céu, o inferno é um universo de ódio. Assim, o pastor de Northampton conclama todos para que busquem o céu, o mundo onde o amor será perfeito em suas manifestações e exercícios.

As metáforas deste sermão estão inseridas em cinco categorias:

CATEGORIA 1 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE O CÉU

Em seu livro de *Teologia Sistemática*, Wayne Grudem (2009, p.1838) define o céu como “o lugar onde Deus mais plenamente torna conhecida a sua presença para abençoar”. Biblicamente, também é o termo designado para casa ou morada de Deus (Salmo 33.13-14; Mateus 6.9), onde está seu trono (Salmos 2.4); o lugar de sua presença, ao qual o Cristo glorificado retornou (Atos 1.11); e onde um dia o povo de Cristo estará com seu Salvador para sempre (João 17.5-24; 1 Tessalonicenses 4.16,17). Ele é retratado como um lugar de descanso (João 14.2), uma cidade (Hebreus 11.10), e um país (Hebreus 11.16).

Essas argumentações servem de fundamentação para as metáforas elaboradas por Edwards concernentes ao céu, que, para ele, se refere a um ambiente de habitação primariamente de Deus. A seguinte expressão manifesta muito bem essa ideia: “O céu é uma parte da criação que Deus edificou para este fim: ser o lugar de sua gloriosa presença, e ele é sua habitação para sempre; ali ele habitará gloriosamente e se manifestará por toda a eternidade”. A partir dela podemos extrair domínios que se conceptualizam de modo subjacente: “Céu é casa”, “Céu é lar”, “Céu é morada eterna”, “Deus é glorioso” e “Deus é arquiteto”. Além disso, as expressões metafóricas “Ali é o tabernáculo de Deus” e “Ali estará o trono de Deus e do Cordeiro”, que consideramos como orientacionais, permitem não apenas a interpretação de que o céu é a morada de Deus, mas que é uma morada real, portanto, estas expressões mapeiam os domínios “Deus é Rei”, e alicerçam a significação da metáfora estrutural construída por Edwards “O céu é o palácio”.

Edwards nomeia o referido Palácio de “Amor” e diz que este é “tanto a causa como a fonte de todo santo amor”. Isto quer dizer que, pelo fato do próprio Deus

habitar os céus, e como já exposto no primeiro sermão desta série, Ele é o próprio amor, seu amor enche todo o lugar, fazendo com que tudo a sua volta transborde também no mais perfeito amor. Com isso em mente, Edwards repete várias vezes durante o sermão as metáforas estruturais “O céu é um universo de caridade ou amor”, “O céu, um universo de amor”, “O céu é o universo do santo amor” e “Tudo no céu é perfeitamente amável”, que conceptualizam o domínio fonte “céu” em termos dos domínios alvo “lugar”, “mundo”, “habitação”, “amor”, “santo” e “casa”.

Edwards argumenta que “No céu, todas coisas [...] possuem em si o brilho e doçura do amor divino”. Esta frase pode ser considerada uma expressão metafórica sinestésica, visto que relaciona domínios sensoriais diferentes, a saber, brilho e doçura. Aqui, há a conceptualização dos domínios “Amor é brilho” e “Amor é doce” que permitem o mapeamento do domínio fonte “Amor” como “Deus” e dos domínios alvo “brilho” e “doce” como “luz”, “glorioso”, “resplandecente”, “terno”, “afável”, “harmonioso”, “deleitável”, “aprazível”, “agradável” e “deleitoso”.

Edwards atesta que “nele [no céu], jamais penetrará coisa alguma contaminada”. Ao enunciar esta expressão metafórica, ele está possibilitando o mapeamento dos domínios “O céu é puro”, e fazendo referência a um texto escrito em Apocalipse 21:27 que diz “E não entrará nela¹⁸ coisa alguma que contamine [...]”. A fim de enfatizar ainda mais o seu discurso, ele profere: “Aquele universo será perfeitamente radiante, sem qualquer obscuridade; perfeitamente belo, sem qualquer mancha; perfeitamente claro, sem qualquer nuvem”. Esta expressão permite os domínios “O pecado é escuridão”, “O pecado é feio”, “O pecado é mancha” ou ainda “O céu é luz”.

Segundo Edwards, tudo o que é realmente grande e bom, tudo o que é puro, santo e excelente neste mundo, está constantemente apontando para o céu. Nesse sentido ele afirma através de uma expressão metafórica que “Como as correntes correm para o oceano, assim tudo isso está correndo para o grande oceano de infinita pureza e benção”. Desta maneira, qualquer afeição também chamada por Edwards de “frutos” nos sermões anteriores, pode funcionar como um domínio fonte para o domínio alvo “corrente”, por exemplo. Um modelo disso são os mapeamentos “Humildade é rio”, “Paciência são gotas d’água”. Ou ainda, podemos estabelecer conceptualizações que estruturam os domínios “O céu é mar”.

¹⁸ Está no feminino porque a Bíblia está narrando um contexto que se refere ao céu como Jerusalém Celestial.

Como num suspiro de deleite, Edwards exclama “Que Canaã de repouso está por vir, depois de enfrentar este árido e imenso deserto, cheio de armadilhas, de perigos ocultos e de serpentes peçonhentas, onde não se pode achar nenhum repouso! ” Nesta expressão metafórica, ele trata de maneiras contrapostas o céu e o mundo aqui. Ficam claros os mapeamentos “O céu é paz”, “O céu é lugar de refrigério”, “O Céu é lugar seguro” em contraste com “O mundo é um deserto” “As oposições são serpentes peçonhentas”, “O mundo é tormento”. Além do mais, “Canaã” se refere a terra prometida por Deus ao seu povo no Antigo Testamento, e é uma alusão à terra celestial que também está debaixo de uma promessa para os filhos de Deus. Edwards em outro momento exclama novamente: “Bendita Canaã, aquela terra de amor”, que mapeia os domínios “O céu é Canaã”, “Canaã é amor”, “O céu é pátria”, “A pátria é amor”, “O céu é a terra prometida”, entre outras possibilidades.

Durante a exposição, Edwards reforça mais uma vez a ideia metafórica de que “O céu é um universo de amor” e “O céu é luz” através da expressão “Aquela gloriosa cidade de luz e amor, está, por assim dizer, no cume de uma alta colina ou mente, e não há via de acesso para ela, senão com passos ascendentes e árduos. ” Novos domínios podem se conceptualizados a partir da escolha lexical utilizada pelo pastor Edwards, inclusive formando metáforas orientacionais como por exemplo “O céu é para cima”, “Bom é para o alto”.

CATEGORIA 2 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE A CARIDADE OU AMOR

No que se refere ao amor, neste sermão, Edwards discursa através de uma metáfora explícita, isto é, cuja conjunção “como” aparece como elo de ligação na frase (BECHARA,2009). Ele diz “O amor está em Deus como a luz está no sol, o qual não brilha por uma luz refletida, como se dá com a lua e os planetas, mas por sua própria luz e como a grande fonte da luz. ”. Esta sentença possibilita vários mapeamentos a partir dos domínios “Deus é Amor” “Amor é luz”, “Deus é luz” e “Deus é sol”. De maneira que em Deus se origina e reside todo o amor “que enche e abençoa o universo celestial” Através de uma metáfora estrutural Edwards diz que no céu o amor “ é uma chama pura”, permitindo o mapeamento dos domínios “ O amor é fogo” ou “O amor é quente”.

Quanto ao amor que ocupa o coração do cristão, Edwards faz uma abordagem comparativa lançando mão de expressões metafóricas, explicando que “aquilo que ocupava o coração aqui na terra, como um mero grão de mostarda, no céu

será como uma imensa árvore. ” Assim temos dois domínios-alvos que mapeiam o domínio-fonte amor, sendo que o primeiro se manifesta na terra, e o segundo só haverá de manifestar-se no céu. Estes são respectivamente “grão de mostarda” que sugere que o amor é pequeno e não desenvolvido, e “imensa árvore”, que a julgar pelo adjetivo imensa, já caracteriza algo muito grande, cujas proporções estão além do vislumbre humano. Mas, além disso, uma árvore representa algo frutífero, enraizado, crescido e maduro. Desta maneira, todos esses elementos linguísticos podem mapear “amor” no contexto celestial, numa escala de imensidão.

Ainda sobre o contraste de amor entre os dois mundos, Edwards profere: “A alma que neste mundo possuía em si apenas uma pequena fagulha de amor divina, no céu ela se transformará, por assim dizer, numa radiante e ardente chama, como o sol em seu brilho mais pleno, quando nenhuma mancha o empana. ” Esta frase explica muito bem o grau do amor celestial, e permite o mapeamento entre os domínios “O amor é quente”, “O amor é flama” e “O amor é lume”. É como se nada fosse capaz de impedir a manifestação desse amor, que provém perfeitamente da pessoa de Deus, flui para Cristo, e é então transbordada sobre os filhos na mesma perfeição impoluta no sentido de que ele é coincidente com as capacidades da natureza de Deus e de Cristo. Este é o amor no céu.

Para compreender os textos de Edwards, precisamos ter em mente que, como ele mesmo diz, “o amor é sempre um doce princípio e, especialmente o amor divino”. A partir disso ele metaforiza que “mesmo aqui na terra, [este amor divino] constitui um manancial de doçura; no céu, porém, ele se converterá num caudal, num rio, num oceano! ”, que permite o mapeamento entre os domínios “o amor é um rio que desemboca no mar”. Edwards continua: “Todos se prostrarão diante do Deus da glória, que é a grande fonte de amor”. “Cada um, abrindo sua própria alma [...] precisamente como as flores sobre a terra, nos radiantes e alegres dias primaveris, abrem suas pétalas ao sol para que sejam saturadas de sua luz e calor, e para que vicejem em beleza e fragrância sob seus buliçosos raios. ” Deste modo, a imagem de “jardim” constitui cognitivamente os mapeamentos “Deus é sol” e “Almas são flores”.

Edwards estrutura que “a caridade, ou amor divino, é [...] a fonte de onde emanam todas as ações afáveis e excelentes” e que no céu, ele metaforiza explicitamente, “o amor será permanente no coração de cada um, como uma fonte viva a jorrar perenemente na alma, ou como uma chama que jamais se apagará”. Em ambos os casos o domínio alvo é “fonte” em termos do domínio origem “amor”, e depois há

uma troca do domínio alvo “fonte” para “chama”. Essa troca é possível sem que haja perda do significado da expressão metafórica como um todo porque, apesar de “chama” mapear “fogo” e “fonte” mapear água, ambos expressam uma infinitude qualificada pelos adjetivos que lhes acompanham enquanto substantivos, a saber “permanente” e inapagável”.

Eficientemente, Edwards torna a metaforizar explicitamente, utilizando-se de comparações explícitas, e afirma poeticamente que “O celestial paraíso de amor será mantido como uma perpétua primavera, sem outono ou inverno, onde nenhuma geada crestará ou as folhas murcharão e cairão, mas onde cada planta sempre subsistirá em perpétuo frescor, viço, fragrância e beleza, em perene floração e perene frutificação, e brotando sem cessar”. Esta expressão subjaz mapeamentos entre os domínios “O céu é eterno” ou “O amor celeste é primaveril”, por exemplo. Esta afirmação assume total significado se a analisarmos sob a perspectiva da pessoa de Deus, que está por trás do domínio fonte “celestial paraíso de amor”. Por ser Deus o próprio amor, como assume Edwards, e sendo Ele eterno (GRUDEM,2009; ANGLADA, 2007), seu amor também o é. Como o amor de Deus enche o céu e domina-o, assim o céu é uma morada eterna devido à habitação da presença divina.

CATEGORIA 3 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE DEUS, CRISTO E O ESPÍRITO SANTO

Jonathan Edwards metaforiza que “[no céu] Deus se manifesta, resplandece em plena glória, em raios de amor” com isso, podemos conceptualizar mapeamentos entre os domínios “Deus é glorioso” e “o amor são raios”. Ele também conceptualiza “Deus” em termos de “manancial”. Outra expressão é concernente ao Espírito Santo que “será ali derramado com perfeita riqueza e suavidade, como um rio puro da água da vida, claro e cristalino”. Esta expressão sugere a conceptualização da metáfora estrutural “O Espírito Santo é um líquido” que possibilita os mapeamentos “Deus é rio”, “Águas do Espírito”, “Fonte de Águas Vivas”, entre outras. Se referindo a Trindade¹⁹, Edwards menciona: “esta infinita fonte de amor, este eterno três em um jorra sem qualquer obstáculo que venha impedir seu acesso, e flui para todo o sempre”. A esse respeito, mais uma vez ele retoma a concepção do domínio alvo “fonte” em termos do domínio origem “amor”, que mapeia “Deus”, “Cristo”, o Espírito”, ou ambos.

¹⁹ Trindade: Pai (Deus), Filho (Cristo) e Espírito Santo.

Em seu sermão, Edwards fez também uma relação metafórica entre Cristo e um corpo de modo que possibilitou o mapeamento entre domínios “Cristo é o governante da Igreja”, “Cristo é a visão da Igreja”, “Cristo é sorriso”, entre outros, através da enunciação da frase: “E todos se relacionarão intimamente com Cristo, pois ele será a Cabeça de toda a sociedade”, que faz menção ao texto de Colossenses 1:18 que diz “E ele é a cabeça do corpo, da igreja”. Edwards continua a frase dizendo que Jesus também é “o esposo de toda a igreja dos santos, de cuja união eles constituirão sua esposa”. Esta expressão permite ao leitor a interpretação cognitiva de que há uma relação matrimonial que se configura entre Cristo, que pode ser mapeado como “marido” ou “noivo” e os cristãos que podem ser mapeados como “noiva” ou “esposa”.

Tal interpretação é respaldada pelas Escrituras, na qual a figura do matrimônio é frequentemente utilizada para representar a relação entre Deus e seu povo. No Velho Testamento, Deus é o marido e o povo de Israel, a mulher. No Novo Testamento, Cristo é o noivo e a igreja, a noiva. Deste modo, ao falar em casamento, Edwards está se referindo às “Bodas do Cordeiro”, mencionadas em Apocalipse 19:7-9 que diz: “Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro.” Nesse sentido, podemos mapear ainda os domínios “Cristo é protetor”, “Casamento é amor”, “Casamento é pacto”, “Casamento é sacrifício”. Além disso, há uma prefiguração da conceptualização dos domínios “A Igreja é noiva” e “A Igreja é branca”.

CATEGORIA 4 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE OS CRISTÃOS

Edwards se utiliza da seguinte expressão metafórica para se referir aos cristãos quando diz: “ele [Deus] os comprou por preço”. A metáfora subjacente a esta expressão linguística mapeia “cristão” como domínio fonte em termos de “mercadoria” como domínio alvo, de modo que podemos estruturar “O cristão é mercadoria”, uma vez que houve um valor a ser pago por ele e um comprador. Esse é um ótimo exemplo para comprovar o valor cognitivo da metáfora, que segundo Medina (2007, p.137) se dá enquanto “ficção heurística”, isto é “uma ficção conveniente (que trata de coisas como se fosse idênticas, com base num isomorfismo parcial) a qual é usada como “um modo mais fácil de manuseio do objeto””. É óbvio que o cristão não está numa prateleira de supermercado, mas esta metáfora explana a questão da “dívida” do pecado que precisou ser “paga” não com dinheiro, mas com sangue, pois como já explicado, se tratava de um

pacto violado. A linguagem metafórica, no entanto, aproxima o contexto espiritual do humano, facilitando o entendimento.

Edwards se utiliza de uma metáfora estrutural para falar do coração dos cristãos, também chamados de pessoas nascidas de novo, e diz: “o coração delas é o solo no qual esta semente celestial já foi semeada e, no qual ela se enraíza e se desenvolve.” Ele estabelece um processo discursivo em que o domínio fonte “coração delas” pode facilmente mapear “O cristão”, e o domínio alvo “solo” pode ser mapeado por “terra fértil”. Precisamos lembrar que o título desta série de sermões é *Caridade e seus frutos*, e que até aqui, Edwards vem enfatizando que o principal fruto é o amor, portanto, a interpretação possível para esta metáfora é que uma vez que o cristão ouve a Palavra de Deus e nela crê, os princípios bíblicos se fundamentam no seu ser e se desenvolvem através de atos de santificação, amor, humildade, comunhão com Deus, entre outros aspectos.

De maneira sinestésica, bela e atraente, Edwards metaforiza explicitamente sobre como é o ambiente celeste. Primeiro, ele faz menção ao céu dizendo que o mesmo é “um jardim de deleites” e um “paraíso”. Estas metáforas estruturais parecem retomar a história bíblica da Criação, de quando Deus convida o primeiro homem a desfrutar de comunhão e paz com ele num santuário, mais especificamente um Jardim chamado Éden. Este jardim prefigurou a Terra Prometida para os Israelitas e o templo, onde a comunhão entre Deus e a humanidade foi restaurada, e que, por sua vez, prefigura o novo céu e a nova terra descritos em Apocalipse 21:1-4. A fé e a obediência eram os requisitos para viver no primeiro jardim. Pela falta dessas duas virtudes, Adão e Eva de lá foram expulsos. No Céu, a fé e a obediência são requisitos para a entrada. Mas, o ponto central no sermão é que da mesma forma que a presença de Deus se manifestava de maneira ímpar no Éden, se manifestará infinitamente mais no céu. A ideia de jardim paradisíaco, portanto, está relacionada à ausência do pecado.

Ele elucida que lá, “cada santo é como uma flor no jardim de Deus”, permitindo a interpretação metafórica de que “o céu é jardim”, “Deus é jardineiro” e “O cristão é flor”. A partir destes mapeamentos, podemos inferir também que assim como um jardineiro cuida das flores para que o jardim se mantenha sempre embelezado, limpo e viçoso, assim Deus cuida dos seus servos, “regando-os”, “podando-os” e cultivando-os” em todo tempo. Edwards continua: “e o santo amor é a fragrância e doce odor que todos exalam.” Nesta metáfora estrutural, “santo amor” pode ser mapeado por “Amor de Deus” ou “Amor divino” em termos do domínio alvo “fragrância”, que pode ser

mapeado por “bálsamo” ou “perfume”. “Doce odor”, apesar de poder ser considerado um domínio alvo, também constitui em si mesmo uma expressão metafórica sinestésica que implica que “o odor é doce”, e mapeia os domínios “aroma” e “cheiro” em termos de “suave”, “delicado”.

CATEGORIA 5 – METÁFORAS E PROJEÇÕES SOBRE O INFERNO, O DIABO E OS CONDENADOS

Biblicamente falando, o amor de Deus e a sua ira não se desvinculam²⁰, de modo que a ira de Deus é uma expressão do seu amor, como está escrito em Salmos 136:14-21. Se Deus não tivesse ira, seus atributos seriam falhos, pois ele mostraria uma ausência de moral e aceitaria tolices e corrupção. Por Deus ser puro, necessariamente, Ele precisa odiar o que é impuro (ANGLADA, 2007; GRUDEM, 2009; PINK, 1990). Desta forma, “a própria natureza de Deus faz do inferno uma necessidade tão real, um requisito tão imperativo e eterno como o céu o é” (PINK, 1990, p. 62). Desse modo, enfatizado a articulação entre o julgamento e a misericórdia de Deus, Edwards não perdeu de vista o que acreditava sobre a impressionante beleza e excelência de Cristo, do amor doce e da comunhão do Espírito Santo, da glória e majestade de Deus, enxergando simultaneamente a ira, o julgamento, a punição e a justiça, fazendo também parte da natureza divina.

Nesse sentido, Jonathan Edwards não hesita em abordar o tema “Inferno” em seus sermões. A primeira metáfora de que ele se utiliza é expressamente contrária à realidade celestial manifestada no título deste sermão, caracterizando o domínio fonte “O inferno” em termo do domínio alvo “mundo de ódio”. Edwards explica através de uma metáfora estrutural que lá é “uma vasta cova de serpentes sibilantes e peçonhentas” e que “ali vive a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e com ele toda a sua odiosa progênie.” Isto posto, é possível conceptualizar que “O inferno é a casa do diabo” e “o diabo é uma serpente”, além de “o inferno é um universo de horror”. Ele continua expressando metaforicamente que lá “É um mundo transbordante com um dilúvio de ira, ou dito de outra forma, com um dilúvio de fogo líquido”, sendo assim podemos mapear os conceitos discursivos organizando os domínios como “o inferno é um lago de fogo” ou “o inferno é um vulcão de ira”.

²⁰ Ver: Números 14:18; Romanos 11:22 e Hebreus 12:5.

Edwards afirma que “no inferno, os demônios odeiam as almas condenadas. Odeiam-nas enquanto neste mundo [...] vigiavam-nas como um leão que ruga por sua presa; conquanto as odiavam, por isso as caçavam como cães infernais.” Aqui, ele está fazendo alusão ao texto de 1 Pedro 5:8 que adverte: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”. Portanto, podemos conceptualizar que “o diabo é um “animal”” que mapeia o domínio alvo “leão”, e “seres humanos são presas”.

Sob estas prerrogativas, Edwards finaliza a sua obra, aconselhando os seus ouvintes/leitores a considerarem o conteúdo da mensagem que lhes foi transmitida “antes que seus pés tropecem nos montes escuros”. Esta expressão subjaz conceitos linguísticos metafóricos que conotam que “A morte é um tropicão” e “A morte é escuridão”, isto é, ela é, em larga escala súbita, voraz e amedrontadora. Ele continua: “Fujam para a fortaleza” que conceptualiza “Deus” como domínio fonte em termos do domínio alvo “abrigo”; se referindo a salvação, e continua: “enquanto são prisioneiros da esperança, antes que a porta da esperança se feche”. Nessa parte da frase ele está claramente falando da graça divina, que funciona como um elo de ligação entre Deus e o homem, portanto, esta expressão possibilita o mapeamento dos domínios “ A graça é uma passagem”. E finaliza: “e as agonias da segunda morte²¹ deem início à sua obra, e sua condenação eterna seja selada! ”. O ponto de exclamação indica a intensidade com que ele estava promulgando seus argumentos.

Edwards transmitiu de maneira muito clara a percepção puritana de que Deus não é um ser piegas de um “amor” que pode compreender e fingir não ver o pecado. O Deus de Edwards é um Deus de justiça inabalável e infinita misericórdia, de modo que essas duas coisas nunca se divorciam nem entram em conflito. E quando ele fala sobre o amor do Céu, esse amor nasce a partir dos elementos principais acerca da teologia cristã: exultação no amor de Deus, rico em reflexão teológica sobre a Trindade, as duas naturezas de Cristo, a expiação substitutiva, Cristo como Mediador, a importância da igreja e a imutabilidade de Deus.

²¹O que Edwards se refere como segunda morte é a própria condenação eterna no inferno (Ver Apocalipse 20:14).

5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão teórica inicialmente desenvolvida nesta monografia evidenciou as contribuições do estudo das metáforas como um caminho para investigar e compreender como Jonathan Edwards lançava mão destes recursos linguísticos enquanto elementos do discurso em cinco dos sermões extraídos da série *Caridade e seus frutos*. Esse objetivo proposto foi alcançado a partir de um estudo detalhado e fundamentado na teoria de Lakoff e Johnson (2002), que concebem a linguagem como sendo essencialmente metafórica.

Segundo os autores, as metáforas não se encontram na linguagem, mas sim no pensamento inconsciente, de modo que o papel da língua é apenas o de explicitar essas metáforas conceituais através do discurso. Essa conceptualização ocasiona uma nova atribuição semântica em termos de uma conceituação literal, o que explica a apropriação de tais recursos linguísticos por Edwards, uma vez que ele reúne coisas pertencentes a universos diferentes e distantes, a saber, o espiritual e o humano, produzindo um tipo de assimilação entre ideias remotas, representando aquilo que não pode ser expresso de modo literal e direto, pois tem sentido ausente.

Lakoff e Johnson (2002) organizam as metáforas e suas expressões correspondentes em categorias que, neste trabalho, corroboraram para a classificação das definições metafóricas em: 1-estruturais, que estruturam um conceito em termos de outro, e são responsáveis pela estruturação de nosso sistema conceptual de maneira sistemática, que são aquelas que resultam de mapeamentos complexos; 2-orientacionais, que organizam todo um sistema de conceitos com relação a outro, têm uma base em nossas experiências cultural e física, e estão ligadas à orientação espacial; e 3- ontológicas, que transformam conceitos abstratos em entidades -coisas ou seres (animais ou humanos).

Diante disso, a análise do *corpus* demonstrou como os sentidos são organizados e produzidos a partir do modelo metafórico. Através da análise, visualizamos que cada estrutura conceitual foi produzida por Edwards a partir do domínio-fonte e do domínio-alvo. Além disso, verificamos os mapeamentos envolvidos na constituição de cada uma das metáforas analisadas, como também as metáforas primárias evocadas na composição de cada metáfora complexa. A discussão teórica, juntamente com a proposta analítica, evidenciou, ainda que de modo breve, as

dimensões cognitivas presentes no processo de construção de sentido e da compreensão da realidade.

A contribuição de um trabalho da natureza a qual este se propõe para os estudos literários fomenta a ênfase atribuída aos estudos desenvolvidos nos últimos anos sobre a metáfora cognitiva, bem como serve de amostra de que seu uso não deriva apenas de um discurso retórico. Ao contrário, ela transcende a função de simples ornamento linguístico, para ser um processo cognitivo que tem um papel heurístico nas mudanças conceituais. A exemplo disso, consideramos o título da série dos sermões, *Caridade e seus frutos*, que indica por expressão metafórica que a caridade é um ramo frutífero. Partindo deste pressuposto, nos parece então que o fruto da caridade denota um sentido de obras de amor, que são manifestas de modo abundante e variado quando a caridade atinge o seu amadurecimento.

Outro ponto importante a ser destacado é que o fruto depende totalmente da árvore para que brote. Dessa forma, cremos que implicitamente Edwards está fazendo menção às palavras de Jesus quando enunciou que “como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim” (João 15:4). Deste modo, o amor (ramo), testificado por suas obras (boas disposições), apenas é legítimo, copioso e diversificado se estiver primeiramente inserido na árvore (Cristo). Esta é uma expressão metafórica de suma importância em todo o texto, pois somente ao compreendê-la é possível fazer uma interpretação assertiva sobre a caridade e o amor de acordo com a visão Edwardiana.

Edwards não poupou a utilização do recurso metafórico ao oferecer aos seus ouvintes/leitores uma abordagem de práticas espirituais que enfatizam que o dom do amor divino é um hábito a ser “enraizado” no coração de todos os cristãos. Embora a teologia Edwardiana seja muitas vezes resumida a estudos que fazem referência à conversão inicial e ao *Great Awakening*, Edwards dedicou diversos sermões que dizem respeito ao crescimento na vida cristã, que para ele não era algo instantâneo nem automático. Como apontado em *Caridade e seus frutos*, esse desenvolvimento de uma vida santificada exige que o convertido lance mão dos “meios de graça” que formaram o quadro de piedade puritana. Esta noção de “práticas” perpassa por uma linha tênue entre virtudes e ética cristã, que propicia conexões integrais entre o desenvolvimento moral e a transformação espiritual proposta por Edwards.

Não há como esgotar um trabalho com sermões, tendo em vista a vastidão interpretativa que eles nos oferecem, assim como a viabilização de assuntos referentes

às necessidades humanas gerais, como amor, alegria, paz, e a necessidade do aspecto espiritual/ sobrenatural, que instiga a curiosidade humana. Por isso, embora a proposta desta monografia tenha abarcado apenas o estudo das metáforas como uma possibilidade em que nos detivemos, há muitos outros caminhos possíveis de análise dos sermões, a exemplo do estudo dos símbolos, que poderá ser retomado em futuras propostas de trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGLADA, P. R. B. *Soli Deo Gloria – O Ser e Obras de Deus*. Ananindeua, PA: Knox Publicações, 2007.
- BALL, C. *Approaching Jonathan Edwards: The Evolution of a Persona*. Farnham, UK: Ashgate, 2015.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERND, Z. POLONI, N.A. *Metáfora*. In: Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. P.269-284.
- BUFFON, G.L.L. *Discurso sobre o Estilo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2011.
- CANDIDO, A. *O direito à Literatura*. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995. P. 169-191.
- CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*, São Paulo: Editora Ática, 2007.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- EDWARDS, J. *Caridade e seus frutos: Um estudo sobre o amor em 1 Coríntios 13*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.
- _____ *The Complete Works of Jonathan Edwards*. Volume 1. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011.
- _____ *The Complete Works of Jonathan Edwards*. Volume 2. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2011.
- FERREIRA, F. *Servos de Deus: espiritualidade e teologia na história da igreja*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2014.
- GOMES, A. S. *Literatura norte-americana*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.
- GRIFFITHS, P. *An Introduction to English Semantics and Pragmatics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- GRUDEM, W. *Teologia Sistemática Atual e Exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- HORNBY, A.S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*. 7th edition. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- JONES, D.M.L. *Os Puritanos: Suas origens e Seus sucessores*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993.
- KOCH, I. G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

- LAWSON, S. *As firmes resoluções de Jonathan Edwards*. São Paulo: Fiel, 2010.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- LOUIE, K. *The Theological Aesthetics of Jonathan Edwards*. Edinburgh, 2007. Tese de doutorado.
- MARDSSEN, G. *Jonathan Edwards: A Life*. New Haven: Yale University Press, 2003.
- _____ *A breve vida de Jonathan Edwards*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015.
- MEDINA, J. *Linguagem: Conceitos-Chave em Filosofia*. São Paulo: Artmed Editora, 2007. P. 121-148.
- NICHOLS, S. J. *O Céu na Terra: Entendendo a ideia de Jonathan Edwards acerca da vida entre as duas realidades*. São Paulo: Vox Litteris, 2011.
- PACKER, J.I. *Entre os gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida cristã*. São José dos Campos, SP: Fiel. 1996.
- PIPER, J.; TAYLOR J. *Fascinado pela glória de Deus: o legado de Jonathan Edwards*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- PIPER, J. *Plena satisfação em Deus: Deus glorificado e a alma satisfeita*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012.
- PINK, A.W. *Atributos de Deus*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1990.
- RYKEN, L. *Santos no mundo: Os puritanos como realmente eram*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.
- RULAND, R.; BRADBURY M. *From Puritanism to Postmodernism: A history of American Literature*. United States: Penguin Books, 1991. P. 1-58.
- SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- SPILLER, R. *The cycle of American Literature*. London: The Macmillan Company, 1967. P. 1-18.
- VANSPANCKREN, K. *Literatura Americana*. Estados Unidos: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994. P. 1-15.
- VOS, J.G. *Catecismo maior de Westminster comentado*. São Paulo: Os Puritanos, 2007.